

# iscte

INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

---

SOBREVIVER NO MATO - *Uma Aldeia do Cuando Cubango*

Tânia Muchiheno Moises André

Mestrado em Sociologia

Orientador:  
Doutor Luís Manuel Antunes Capucha, Professor Associado com  
Agregação,  
Iscte- Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2022

# iscte

SOCIOLOGIA  
E POLÍTICAS PÚBLICAS

---

Departamento de Sociologia

SOBREVIVER NO MATO - *Uma Aldeia do Cuando Cubango*

Tânia Muchiheno Moises André

Mestrado em Sociologia

Orientador:

Doutor Luís Manuel Antunes Capucha, Professor Associado com  
Agregação,  
Iscte- Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2022

## Índice

### DEDICATÓRIA

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	<b>I</b>
<b>RESUMO</b> .....	<b>III</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>IV</b>
<b>GLOSSÁRIO DE SIGLAS</b> .....	<b>V</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b> .....	<b>6</b>
<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>9</b>
<b>GEOGRAFIA E TERRITÓRIO</b> .....	<b>13</b>
TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES .....	13
ÁGUA, LUZ E INFRAESTRUTURAS .....	14
ORGANIZAÇÃO POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA COMUNIDADE .....	15
<b>POPULAÇÃO E HABITAÇÃO</b> .....	<b>16</b>
<b>ATIVIDADE ECONÓMICA</b> .....	<b>18</b>
COMÉRCIO.....	18
COOPERATIVA OU POLO AGRÍCOLA .....	20
OUTRAS ATIVIDADES ECONÓMICAS .....	21
<b>FAMÍLIA</b> .....	<b>22</b>
AS CRIANÇAS, FORÇA DE TRABALHO UTILIZADA .....	24
O PAPEL DA MULHER .....	24
EDUCAÇÃO SEXUAL.....	25
DO NAMORO ATÉ AO CASAMENTO .....	26
O CASAMENTO.....	28
A DIVISÃO DO TRABALHO NA FAMÍLIA .....	30
<b>RELAÇÕES DE VIZINHANÇA</b> .....	<b>33</b>
<b>EDUCAÇÃO</b> .....	<b>35</b>
<b>SAÚDE</b> .....	<b>37</b>
<b>RITUAIS E RELIGIÃO</b> .....	<b>38</b>
CONFISSÕES E CULTO RELIGIOSO .....	38
RITUAIS FÚNEBRES .....	38
LÍNGUAS E FESTAS .....	41
LENDAS, CRENÇAS E FEITIÇOS .....	42
COZINHA E ANIMAIS .....	43
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>45</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>48</b>

## Dedicatória

*À minha avó Esperança Francisco in memória*

*por ser a verdadeira idealizadora do meu futuro, ela,  
que desde tenra idade formou a minha personalidade e  
muito contribuiu para a minha formação.*

## **Agradecimentos**

Esta é, sem dúvida, uma página especial. É nela que expresso os meus agradecimentos a todos/as os/as que contribuíram para realização do presente trabalho.

Agradeço desde logo à população da Aldeia de Kassela, pela hospitalidade, paciência e precioso tempo que me foi dedicado, o que me permitiu desfrutar um pouco das suas vidas e memórias, usos, costumes, alimentação e modo de vida.

Um especial agradecimento ao General João Pereira Massano, por apostar e acreditar em mim. Sem a sua motivação e apoio jamais teria concluído o mestrado. A obtenção da minha bolsa de estudo pela Direção de Preparação de Tropas e Ensino do EMG/FAA só foi possível graças à mão mágica do General, para quem endereço renovados agradecimentos.

Agradecimento sentido ao Prof. Dr. Luís Manuel Antunes Capucha, por me ter aceite como sua orientada. Os seus conselhos, motivações e ensinamentos têm sido uma escola, para mim.

Um muito obrigada Fátima Nalha.

Gostaria também de deixar um agradecimento aos professores do ISCTE, de forma particular ao professor João Sebastião, por me ter guiado até ao orientador.

Aos funcionários do Santa Catarina Business Centre, Amélia, Conceição, Isabel, Filipa, Rosa, Domingas, Fernanda, Luís, Selcio, Vieira e Filomeno Wilson, pela força e encorajamento. Aos colegas de trabalho dos Serviço de Inteligência e Segurança Militar, especialmente aos motoristas e ao Capitão Evaristo Dongala.

Agradeço ao Tenente General Cruz, comandante da 5ª Divisão Militar, por todo o seu apoio, que muito contribuiu para resolver diversas situações no seio da comunidade de Kassela.

Obrigada aos meus irmãos e primos, Moisés, Filipa, Mateus, Djamila, Gilberto, Geramiel, Judith, Itanilson, Márcia e Fábio, Enoque, Ndotana, pela força e apoio.

Obrigada aos meus tios Cuononoca, Micolu Nguvo e especialmente Paixão Nguvo, Djamila Frederico e Esperança Martinho, por estarem sempre comigo.

Obrigada às minhas amigas e afilhadas Teresa Calunga, Manuela Nunes, Pedro Makanga, Yolanda Carvalho, Katia Renovale e Katia Santos, pela companhia nos momentos de solidão.

Aos meus pais José Corindo Sacuiva André e Ana Bela Moisés Micoló Nguvo, pela paciência que tiveram para com os meus filhos, em Angola.

Por último, aos verdadeiros companheiros de sempre, Uhenya Pedro e Yosefe Pedro, pela paciência e coragem na ausência. Muito obrigada, meus filhos, por entenderem o motivo da minha ausência.

Tânia André

## Resumo

Cuando Cubango é uma das 18 províncias de Angola, localizada na região sudeste do país, com uma extensão territorial de 199.049 km<sup>2</sup>. Tem como cidade capital o Município de Menongue. A Aldeia de Kassela, onde se localiza o Centro (bairro) 11 de Novembro, é parte integrante da Comuna de Jamba Cueio. Está situada a 83 km de Menongue pela estrada asfaltada, a que crescem pouco mais de 2 km em terra batida da estrada até ao interior do bairro. O Centro 11 de Novembro ocupa uma área aproximada de 15 km<sup>2</sup>.

O presente estudo pretende conhecer a estratégia de sobrevivência da população do centro 11 de Novembro em condições de grande dureza. Trata-se de uma comunidade que adotou uma nova cultura para sobreviver no mato. O bairro foi localizado numa área aparentemente desprovida de recursos de todo o tipo, sem qualquer assistência humanitária ou extensão dos serviços do Estado, onde os seus habitantes, que não provinham todos da zona, mas de áreas dispersas onde teve lugar o conflito armado no qual os homens, ex-combatentes da UNITA, acabaram deficientes, tiveram de colocar em marcha um plano de sobrevivência.

Palavras-chave: Estratégia de Sobrevivência, Pobreza, Cultura, Comunidade 11 de Novembro, Angola.

## **Abstract**

Cuando Cubango is one of the 18 provinces of Angola, located in the southeastern region of the country, with a territorial extension of 199,049 km<sup>2</sup>. Its capital city is the Municipality of Menongue. The village of Kassela, where the Centro (neighborhood) 11 from November is located, is an integral part of the Commune of Jamba Cueio. It is located 83 km from Menongue along the paved road, to which a little more than 2 km of dirt road from the main road to the interior of the district are added. The 11 from November Center occupies an area of approximately 15 km<sup>2</sup>.

The aim of this study is to understand the survival strategy of the population of the 11 de Novembro center, a community that adopted new cultures to survive in the bush. It is composed of ex-military of UNITA who got disabled during the civil war and abandoned in the bush with their families. The neighborhood is located in an area apparently devoid of any resources, without any humanitarian assistance or State services. Its inhabitants had to put in place a survival plan and develop a new culture, since not all of them came from the area, but of dispersed areas where the armed conflict took place.

**Key words:** Survival Strategy, Poverty, Culture, 11 Novembro Community, Angola.



## **Glossário de Siglas**

FNLA-Frente Nacional de Libertação de Angola

MPLA- Movimento Popular de Libertação de Angola

UNITA- União Nacional para a Independência de Angola

FAPLA- Força Armada Popular de Angola

FALA- Força Armada de Libertação de Angola

FAPED-Federação Angolana das Associações de Pessoas com Deficiência

FAA- Força Armada Angolana

FADA-Fundo de Apoio ao Desenvolvimento Agrário

ADPP- Ajuda de Desenvolvimento de Povo para Povo

EMG-Estado Maior General

## Introdução

Ouvi falar pela primeira vez da aldeia de Kassela quando, em 2017, desempenhava funções de Técnica para Apoio Social. Falaram-me de uma aldeia formada por ex-combatentes da UNITA deficientes de guerra que, juntamente com as suas famílias, sobreviviam no mato na Província de Cuando Cubango.

No contexto das lutas de libertação nacional em África, surgiram três movimentos de libertação de Angola, nomeadamente FNLA, MPLA e UNITA. Para concretizarem o objetivo da luta de libertação, esses movimentos dotaram-se de destacamentos guerrilheiros à luz dos ensinamentos da teoria da guerra revolucionária.

Os ex-guerrilheiros do MPLA proclamaram as Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA) em 1 de Agosto de 1974. Mas os desenvolvimentos em Angola indiciam a probabilidade de ocorrerem combates de natureza regular com apoiantes dos outros movimentos de libertação.

A guerra civil angolana foi um conflito armado que teve início em 1975 e continuou com alguns intervalos até 2002. A guerra começou imediatamente após Angola se tornar independente do domínio de Portugal em 11 de novembro de 1975. Depois da independência, o país viveu vinte e oito anos de conflito armado: “deve-se considerar duas etapas distintas, a primeira a começar em março de 1975 e que vai até à assinatura do Acordo de Bicesse, em maio de 1991, e que conduziu à preparação e à realização das primeiras eleições gerais em Angola (setembro de 1992). A segunda etapa do conflito começou logo após as eleições e prolongou-se até abril de 2002” (Carvalho, 2012).

Terminada a guerra civil em Angola em 2002 e consolidada a paz, o país começou a empreender o caminho da reconstrução das infraestruturas destruídas pela guerra e a sarar as cicatrizes psicológicas, físicas e não só. Neste contexto, alguns militares regressaram às suas áreas de origem, mas outros optaram por permanecer nas áreas onde ocorreram conflitos, por razões várias. É assim que, na localidade de Kassela, se juntaram militares provenientes de várias províncias, todos eles deficientes de guerra. Foi desse modo que a população do bairro 11 de Novembro, o grupo em estudo, se estabeleceu na província do Cuando Cubango.

Os deficientes militares e suas famílias que viriam a constituir o Bairro 11 de Novembro na aldeia de Kassela haviam sido abandonados pelo Partido UNITA nas localidades (matas) de

Mavinga, Rivungo, Jamba Mineira e outras, já que aquando das negociações que deram origem aos acordos de Paz em 2002 a UNITA declarou não possuir deficientes nas suas forças armadas (FALA).

Os militares deficientes das ex-FALA (UNITA), ficaram assim fora dos Sistemas de Proteção Social, Reforma e de Assistência Social, pelo facto de na assinatura dos acordos de Paz e Memorando de Entendimento do Luena em 2002, o Partido, tal como nos referimos acima, ter alegado não ter deficientes na sua organização. Estes ficaram abandonados à sua sorte nas matas. Por esta razão ficaram de fora de toda a proteção que o Memorando do Luena deveria proporcionar. O Governo Central, em 2009, um ano depois das eleições, apelava para que os angolanos que se encontravam em condições de refugiados na Zâmbia, RDC, Namíbia e em outras partes regressassem a Angola e participassem na reconstrução do país.

Todavia, nas vésperas das eleições de 2012, foi encontrado um pequeno grupo de deficientes por propagandistas do MPLA, enquanto faziam a sua campanha. Prestaram-lhes assistência precisamente naquele momento da campanha. Este pequeno grupo deu a conhecer a existência de outros deficientes noutras localidades no Cuando Cubango e, daí, passaram a informação aos demais, a fim de se organizarem para a mudança.

O reconhecimento dos deficientes por parte do Governo começou com contactos esporádicos por parte destes deficientes, que por via de cartas e através de mensageiros davam conta daquele grupo nas matas e clamava por assistência e integração.

Depois de sucessivos apelos e perante a insistência dos deficientes, o Governo Provincial fez deslocar àquelas zonas uma Comissão multissetorial para constatação, facto que esteve na origem das decisões que viriam a ser tomadas no sentido de recolher os deficientes e suas famílias, a fim de serem concentrados em área que possibilitasse a sua locomoção, assistência e consequente inserção.

A primeira localidade onde foram agrupados foi no Kueio, 25 km a Sudoeste de Mavinga, durante 60 dias dados pelo Governo, que apelou a que os deficientes e suas famílias abandonassem as matas. Foram transportados em camiões e helicópteros. Foi no dia 11 de Novembro de 2009, o limiar das celebrações da data da Independência de Angola, que os deficientes começaram a ser recebidos e concentrados na localidade do Kueio, onde começaram a receber a primeira assistência do Governo, consubstanciada em bens alimentares, chapas de Zinco para fabrico de suas cubatas, enxadas, catanas, sementes para cultivo, roupas usadas e

cobertores. A comunidade decidiu por isso denominar a localidade como Centro dos Deficientes 11 de Novembro. Um dos integrantes deste grupo foi nomeado Administrador Municipal do Menongue pelo Governador provincial. António Fernando (nome fictício) então Administrador do Menongue, esteve na origem dos contactos entre os integrantes do Centro 11 de Novembro e o Governo do Cuando Cubango, já que, a parte de também ter sido deficiente, Fernando foi militar das ex-FALA, que, como resultado dos acordos de Bicesse, viria a ocupar em representação da UNITA, no Governo de Reconciliação Nacional, o cargo de Administrador do Menongue. Uma posição privilegiada, que lhe terá permitido restabelecer contactos com os seus antigos pares e trabalhar na unificação deles, até serem atraídos a um lugar em Mavinga, trampolim para o atual Centro 11 de Novembro em Kassela, área de jurisdição territorial de Mnongue, administrado naquela altura por António Fernando, estando a partir daí criada as condições para melhor assistência da comunidade.

Quatro anos depois de estabelecidos no município de Mavinga, comuna do Kueio, por razões climatéricas, fundamentalmente motivadas pela ausência de chuvas e conseqüente fome, doenças e dificuldades de locomoção dos deficientes e suas famílias, acharam por bem voltar a estabelecer contactos com o Governo Provincial no Menongue, a fim de fixá-los numa área mais próxima da capital de província, onde pudessem beneficiar de melhor assistência.

Em virtude da descontinuidade da assistência tornaram a vivenciar mais um período de carências de vária ordem. É, portanto, neste contexto e em função das exigências e necessidades crescentes que alguns elementos do grupo (3 representantes) se dirigiram ao Governo do Cuando Cubango a fim de clamarem por assistência e acolhimento. Como resultado desta petição, em novembro de 2014 o Governo Provincial do Cuando Cubango decidiu aproximá-los da cidade capital (Menongue), concretamente atribuindo-lhes território na aldeia de Kassela, onde parecia que tudo seria mais fácil, segundo os relatos dos membros da comunidade.

Estes militares com deficiência, do Centro 11 de Novembro, por se encontrarem numa situação não regularizada (não desmobilizados e sem salário ou pensão), encontram dificuldades em tudo, quer de âmbito económico, quer social e até mesmo cultural.

Em 2016, o Governo atendeu ao pedido e a Comunidade foi transferida para o Município de Menongue, capital da Província, na Comuna de Jamba Kueio, mais concretamente na Aldeia de Kassela. O Centro ou bairro, como é chamado, continua, entretanto, com o mesmo nome, 11 de Novembro.

O caso desta comunidade pareceu-me extremamente curioso por diversas razões. Em primeiro lugar, porque ilustra bem as consequências de uma guerra nas condições de vida das pessoas. A sucessão de guerras pelas quais Angola passou ao longo de mais de 40 anos (de 1961 a 2002) impediu o país de se desenvolver normalmente e deixou marcas que são necessariamente difíceis de ultrapassar. A extrema pobreza em que vivem os habitantes da Comunidade 11 de Novembro em Kassela e a generalidade das pessoas nas comunidades da região é, na verdade, motivo de estudo suficiente para desencadear a investigação de que a presente Tese é um produto.

Em segundo lugar, e neste aspeto o caso é único, ao contrário das outras comunidades vizinhas, esta não corresponde a uma cultura étnica construída e reconstruída ao longo dos tempos num determinado contexto. Geralmente, essas culturas tradicionais expressam modos de adaptação à dureza do contexto, cujas raízes estruturais são históricas. Neste caso, a "cultura" (regras, organização comunitária, projetos económicos, vida familiar, símbolos e crenças, rituais, instituições, hierarquias sociais) foi construída a partir de diferentes origens étnicas e regionais transportadas pelos membros da comunidade, cruzando uma grande variedade de origens regionais e étnicas. Esta cultura única integra e dá continuidade a certos elementos que são comuns a todos os moradores (eles são todos angolanos, e por isso partilham muitos traços de um património cultural comum), mas integra igualmente muitos elementos novos, construídos em resposta a uma situação inesperada e recente (a existência de um coordenador eleito e de uma direção integrando especialistas setoriais, por exemplo, contrasta fortemente com as estruturas de poder tradicionais que vigoram nas outras aldeias). Assim, na tradição das ciências sociais, nomeadamente na antropologia e na sociologia Geertz, 1973; Mauss 1998; Malinovsky, 2018, a cultura é algo que se passa de geração em geração e que permite a um grupo interpretar o mundo segundo um código determinado que lhe dá inteligibilidade, e também agir sobre ele de forma coerente e ordenada. Mas em Kassela o que temos é uma cultura que em muitos aspetos teve de inovar para permitir aos residentes sobreviver e construir projetos coletivos num quadro em que, ao redor, tudo parece imobilizado, ao contrário de culturas modernas e também inovadoras, beneficiadas por ambientes favoráveis à inovação. Assim, o interesse teórico deste estudo consiste em ver como se constroem e reconstroem as culturas em função de situações novas com que as comunidades são confrontadas.

Esta é a questão de pesquisa que me interessa: caracterizar e compreender esta realidade única que é a aldeia de Kassela. Julgo que o assunto pode interessar a muito mais pessoas. O quadro analítico mobilizado corresponde àquele que me parece mais adequado a essa questão.

Recuperei de autores como José Cutileiro (1977), Bronislaw Malinovsky (2018), Redol (2004) e outros, um quadro das dimensões de caracterização da comunidade construído a partir dos parâmetros que eles utilizaram nos seus trabalhos de referência. Olhei para Kassela e procurei reconstruir as suas condições territoriais e geográficas, as atividades económicas (produção, distribuição e consumo), as estruturas do parentesco, a religiosidade e os processos simbólicos, a organização política e as estruturas de poder. O método foi o do trabalho etnográfico.

## Enquadramento teórico

A comunidade 11 de Novembro é um bairro organizado por pessoas de vários grupos étnicos e origens regionais, que partilham ações e projetos, promovem experiências, conhecimentos e uma nova construção simbólica.

A organização política da comunidade baseia-se num sistema composto por um grupo de conselheiros e um coordenador, o qual é eleito por voto de todos os maiores de 14 anos. Os conselheiros promovem uma espécie de governo local, com um coordenador e distribuição de pelouros: agricultura, educação, enfermagem, promotor (que cuida da negociação da cooperativa, administrador), segurança.

Este sistema é muito diferente do que existe nas outras aldeias e bairros, em que se cruzam o poder tradicional (Rei, Soba, Regedor ou Soba grande) com o poder de Estado, representado pelo administrador comunal nomeado pelo governador, que negocia com o poder tradicional. Neste, a substituição de um Soba nunca é por meio de votos, mas sim por morte ou destituição por um crime grave, e a sucessão obedece a um mecanismo fundamentado na linhagem genealógica. Em kassela o sistema é, pois, mais próximo da administração autárquica moderna.

Este bairro operou rapidamente a construção de novos símbolos e valores culturais, o que contrasta com a sociedade envolvente, cuja cultura se sedimentou ao longo de milénios de adaptação ao contexto, e também em contraste em relação às zonas urbanas modernas, onde a mudança é rápida e os recursos maiores.

A motivação para aumentar o terreno agrícola disponível, os produtos e os métodos de cultivo e comércio, com base numa cooperativa dirigida com base em conhecimentos técnicos cientificamente informados, e não apenas nos usos e costumes de cultivo e organização da propriedade, é expressão clara dessa “distinção cultural” da comunidade. A distribuição equitativa dos produtos para as famílias, com primazia para os inválidos, característica da solidariedade existente nesta comunidade, é outra dessas expressões. A economia primitiva de “permuta” como estratégia de sobrevivência desenvolveu um sistema para suprir, em quantidades extremamente escassas, as necessidades básicas que a comunidade sente para sobreviver e obter produtos que não consegue produzir, como sabão, sal, açúcar e óleo. Mas esta comunidade desenvolveu quer este tipo de comércio para sobreviver, quer o modo de distribuição dos resultados. Com o coordenador cessante dizia,” em *tempo de guerra, davam-*

*nos cigarros, como eu não fumava, trocava com bolachas*”. Aprendizagem na experiência militar transferida, de modo combinado com a tradição cultural, para as novas condições de sobrevivência no mato.

Podem-se repetir os exemplos. O método de financiamento dos salários dos professores com produtos agrícolas e a construção de moradia para os acomodar, a cozinha comunitária para confeccionar as refeições aos 4 professores estagiários nesta comunidade; a cultura de limpeza do bairro, responsabilidade individual dos moradores (de facto, uma das responsabilidades das mulheres), com delimitação dos quintais e pequenas lavras das quais, no final da colheita, se retira e queima todo o lixo seco produzido pelo cultivo, de forma a deixar tudo limpo para a próxima produção e a afugentar os animais rastejantes, de modo a proteger patos e galinhas de serem devorados, são todos exemplos que relevam do mesmo princípio de solidariedade comunitária.

Procura-se com este trabalho conhecer a estratégia de sobrevivência que a comunidade de Kassela desenvolveu para viver no mato, efetuando uma abordagem essencialmente qualitativa com vista à produção de informação em que se possa basear os argumentos em factos cientificamente credíveis se compreender o verdadeiro significado da cultura, (Malinowski, 2009).

Definir uma situação problemática, permitir formular a pergunta ou perguntas de partida que constitui o problema científico, estabelecer metas e objetivos, são passos essenciais para a concretização de um estudo. A situação problemática é, está claro, as condições precárias e de extrema pobreza em que vivem os moradores do Bairro 11 de Novembro em Kassela. A meta é conhecer com detalhe a realidade desta comunidade, visando contribuir para a melhoria das suas condições de vida. Falta agora construir o quadro analítico de base e perspetivar a metodologia a utilizar.

O quadro analítico passou principalmente pela construção de um conjunto de dimensões de análise da comunidade que permitisse dar inteligibilidade às observações empíricas e prestar atenção a aspetos que, sem o enunciado dessas dimensões, poderiam passar despercebidos. Inspirei-me nos trabalhos de José Cutileiro (1977) e Bronislaw Malinowski, (2018), dos quais emergem as seguintes dimensões:



José Cutileiro: Dimensões	Bronislaw Malinoswki: Dimensões
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Propriedade</li> <li>• Trabalho</li> <li>• Família</li> <li>• Poder</li> <li>• Ritual</li> <li>• Desigualdade e Crenças</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Costumes</li> <li>• Construções (habitações)</li> <li>• Famílias</li> <li>• Trajes,</li> <li>• alimentação</li> <li>• Sistema de trocas comerciais</li> <li>• Rituais e Crenças (magia)</li> </ul>

Para a análise da comunidade 11 de Novembro em Kassela, seguiu-se este conjunto de dimensões, a responder as perguntas que inquietava no início da sua investigação.

## Metodologia

Este trabalho começou quando a investigadora participou numa reunião na instituição em que trabalhou, a ex-Direção Nacional de Segurança Social, Cultura e Desporto do Ministério da Defesa Nacional, que traçava políticas para as Forças Armadas Angolanas em relação à Segurança Social, mas num sentido um pouco assistencialista. Nas suas políticas de auscultação das associações de ex-militares, o Presidente da FAPED (Federação Angolana das Associações das Pessoas com Deficiência) deu a conhecer que na província do Cuando Cubango, mais concretamente em Menongue, existia um grupo de pessoas com Deficiências da ex-FALA, abandonadas e desprotegidas de Assistência Social e outros apoios. Foi assim que em setembro de 2017 o então Diretor daquela Direção Nacional criou uma comissão, da qual a investigadora fazia parte, para apurar os fatos aí existentes. Para isso, foi necessário ir à aldeia recolher algumas informações sobre a regularização dentro do Sistema Social destas pessoas que foram ou são militares (não estão desmobilizados). Depois de um tempo de familiarização com esta comunidade, a investigadora ficou com várias inquietações.

Para este trabalho de investigação científica optou-se por um estudo etnográfico, incluindo as técnicas da observação participante e da entrevista (exploratória e de aprofundamento). A observação participante de tipo etnológica é uma das que melhor respondem, de modo global, às preocupações habituais dos investigadores em ciências sociais. Consiste em estudar uma comunidade durante um longo período, participando na vida coletiva. O investigador estuda então os seus modos de vida, por dentro e pormenorizadamente, esforçando-se por perturbar o grupo o menos possível (Quiv e Champenhoudt, 1992). A investigadora começou a participar mais na comunidade a partir do momento em que decidiu realizar o presente trabalho, para então entender algumas inquietações que até ao momento não foram detetadas. Quais eram os meios de subsistência desta população? Como esta comunidade sobrevive, sendo deficientes e a viver naquelas condições? Qual é a relação com as vizinhanças, sendo que são vários grupos étnicos? Como tem sido feito os rituais e as festividades, etc. A investigadora aproveitou a sua função para, junto das Unidades Militares, recolher donativos para este grupo. Criou-se um posto de entrega para recolha de bens, não perecíveis, roupa usada, materiais didáticos, etc. Isso permitiu-lhe ganhar uma confiança com os seus informadores que lhe permitiu aprofundar vários temas. E sempre que visitou a comunidade, observava tudo e tomava apontamentos num bloco de notas, para responder às inquietações da população. Em 2020, a investigadora candidatou-se ao Mestrado em Sociologia no ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, para

melhor aprender a teoria e a prática da pesquisa, bem como as técnicas que levaram a respostas mais complexas.

Pedi permissão à comunidade para fazer um estudo mais aturado da estratégia de sobrevivência, antecipei também que não estava a fazer trabalho político, pois esta comunidade ainda se encontra com cicatrizes da guerra. No decorrer das investigações, com ajuda do orientador, percebi a necessidade de trocar o tema anteriormente escolhido por “Sobreviver no Mato, uma Aldeia do Cuando Cubango”.

Posteriormente, a partir do momento em que se decidiu fazer da descrição da comunidade 11 de Novembro em Kassel o tema da dissertação de mestrado, as observações passaram a ser estruturadas em função de um conjunto de dimensões estruturantes da vida da comunidade. Também as entrevistas passaram a ser realizadas a partir do mesmo guião construído a partir de leituras de clássicos etnográficos, dos quais se tomaram as dimensões de observação e aprofundamento.

À medida que se foi sistematizando a informação que estava já recolhida, foram-se detetando falhas e dúvidas que obrigaram a regressos sistemáticos à aldeia, onde se repetiram as entrevistas. O contacto frequente com a comunidade e o papel da investigadora como funcionária do Estado (de quem se espera uma intervenção capaz de ajudar a resolver algumas das carências mais importantes) criou uma relação de confiança com a comunidade alargado de “informantes privilegiados”, quer homens, quer mulheres desempenhando diferentes funções na comunidade, o que facilitou a coleta de informação cada vez mais rica.

Como é característica da metodologia seguida, o investigador participa, de uma maneira ou de outra, no quotidiano do contexto e das pessoas que constituem o objeto de estudo. António Firmino da Costa (1982) chama a atenção para a importância de observar os locais, os objetos e os símbolos, observar as pessoas, as atividades, os comportamentos, as interações verbais, a maneira de fazer, de estar e de dizer, observar as situações, os ritmos, os acontecimentos. Por outro lado, e ainda no plano de acionamento das técnicas de pesquisa, procura-se privilegiar a informalidade. A participação informal nas mais variadas situações - situações rotineiras do quotidiano, acontecimentos ocasionais regulares ou situações excecionais - e a conversa informal nessas situações, são as técnicas nucleares da pesquisa de terreno (Costa, 1982).

Para João Ferreira de Almeida e José Madureira Pinto (1982), a característica diferencial da observação participante, em relação às outras técnicas, consiste na inserção do observador no

grupo observado, o que permite uma análise global do objeto de estudo. Se se trata de um investigador ou de uma equipa de investigadores que se integra no grupo apenas a partir do momento em que define um projeto de pesquisa em relação a este grupo, pode falar-se de observação-participação. Se um ou vários elementos de um grupo decidem aproveitar a sua inserção para observar o grupo de que participam, pode falar-se de participação-observação. Foi este o meu caso.

A metodologia não seguiu, portanto, um processo muito comum nos dias de hoje, já que a recolha de informação precedeu a construção de uma problemática analítica e só a meio do percurso o diálogo entre a teoria e a empírica se estabeleceu de forma sistemática e controlada.

Também o objeto é raro e pouco habitual. Mas a riqueza da informação que o leitor pode obter e o interesse da principal curiosidade, saber como é que uma comunidade sem raízes no local constrói uma cultura que estrategicamente lhe permite “sobreviver no mato”, compensam, julga-se, as eventuais heterodoxias metodológicas.

Pode-se afirmar que há comunidades que não acompanharam os processos de globalização, de modernização e de digitalização, como é o caso da população do bairro 11 de Novembro, da Aldeia de Kassela do Município de Menongue e de grande parte das regiões rurais de Angola. Ficaram excluídos dos bens (e de alguns males) trazidos pelo desenvolvimento. Mas enquanto outras comunidades parece terem sido congeladas no tempo pelas malhas dessa exclusão, “a nossa” comunidade não.

Por isso, é importante estudar o bairro 11 de Novembro, que surge em condições *suigeneris*, pois a diferença em relação a outras comunidades vizinhas, é que este centro é formado por deficientes de uma força militar que não foi apresentada como resultado dos acordos de paz entre o Governo de Angola e o Partido político UNITA, sendo nova, e tendo por isso de se “reinventar” enquanto cultura.

A sua junção resultou da iniciativa de um grupo de pessoas que, depois de muito sofrimento e de se acharem esquecidos pelas forças militares da UNITA, resolveram estabelecer contato com as autoridades administrativas do Governo do Cuando Cubango, para dar nota da sua existência e do sofrimento a que estavam submetidos.

O bairro 11 de Novembro foi localizado numa área aparentemente desprovida de recursos de todo o tipo, sem qualquer assistência humanitária ou extensão dos serviços do Estado, onde os seus habitantes tiveram de colocar em marcha um plano de sobrevivência, já que não provinham

todos da zona, mas de áreas dispersas onde teve lugar o conflito armado. Como decorreu o processo de adaptação às novas condições, eis o objeto do presente trabalho.

## **Geografia e Território**

Cuando Cubango é uma das 18 províncias de Angola, localizada na região sudeste do País, com uma extensão territorial de 199.049 km<sup>2</sup>. Tem como cidade capital o Município de Menongue. A Aldeia de Kassela, onde se localiza o Centro (bairro) 11 de Novembro, é parte integrante da Comuna de Jamba Cueio. Está situada a 83 km de Menongue pela estrada asfaltada, a que crescem pouco mais de 2 km em terra batida da estrada até ao interior do bairro. O Centro 11 de Novembro ocupa uma área aproximada de 15 km<sup>2</sup>.

Cuando Cubango é limitada a Norte pelas províncias do Bié e do Moxico, a Leste pela República da Zâmbia, a Sul pela República da Namíbia e a Oeste pelas províncias do Cunene e Huila. Nessa província está o ponto mais meridional do país, no rio Cubango, no território do município do Dirico, quando o flúmen faz fronteira com a Namíbia.

Em Cuando Cubango, segundo a classificação climática de Kopper-Geiger, predomina o clima subtropical húmido (Cwa), embora o clima semi-árido quente (BSh) seja característica do extremo sul.

Demograficamente, a população desta província é muito semelhante ao do resto de Angola, caracterizada pela forte presença de crianças e jovens. A sua composição étnica básica, embora avaliada de maneira algo preliminar, tendo por referência a situação no fim da era colonial, é composta pelos grupos Nganguela, Tchókwe e Xindongas. Outros grupos relevantes são os Owambos e os Khoisans.

Possui uma vegetação e fauna diversificadas, podendo-se aí encontrar Palancas, Elefantes, Rinocerontes, Hipopótamos, Leões, Hienas, Leopardos, Búfalos, Javalis, Avestruzes e outras aves e reptéis vários.

### ***Transportes e Comunicações***

O transporte de pessoas e mercadoria tem sido feito principalmente pelas mulheres e crianças, que nesta comunidade transportam os produtos (lenha, produtos agrícolas, água, louça etc.) à cabeça. Uma tipoia, isto é, uma tira de pano, lenço ou uma rede presa ao pescoço, serve para transportar os bebés às costas. Por outro lado, é comum o transporte de tração animal, como boi e burro, ligado a uma carocha. Existe na aldeia uma motorizada de três rodas e carroçaria, designada de “caleluia”, que faz serviço de táxi na comunidade.

A população deste bairro, para ir à cidade, tem de percorrer 2km em estrada de terra batida até à estrada asfaltada principal, e depois esperar as viaturas que saem dos outros municípios da província. No primeiro transporte que aparecer e parar, sobem, sem nenhum problema. O mais difícil tem sido quando precisam de levar alguém com urgência para o hospital.

A comunicação é feita por meio de carta. A coordenação da comunidade tem um estafeta que é o homem da segurança, que normalmente leva informações às entidades administrativas e políticas. Em caso de urgência de uma comunicação, é necessário andar 2km em terra batida até ao asfalto para esperar qualquer transporte que passa pela via pública, com um tempo de espera entre 3 e 4 horas.

Existe um único telefone satélite, designado “liga-liga”, no bairro vizinho, numa fazenda, mas 1 minuto de chamada custa 500,00 kzs (equivalente a um Euro). Quando há uma urgência, as pessoas dirigem-se a esta fazenda para ligar. Também lá existe o número de telefone do taxista que tem feito o serviço de aluguer, pelo quem tiver uma urgência liga-lhe, obtendo um tempo de espera de 50 minutos a 1 hora, o aluguel tem um custo de 5000,00 kzs (Dez Euro).

### *Água, luz e infraestruturas*

A aldeia situa-se a 150m do rio, mas a comunidade não tem água canalizada, o que obriga os seus habitantes a percorrer essa distância para obter água. Devido aos ataques de jacarés, muitos fizeram as suas Cacimbas (furos de água no subsolo) nos arredores das suas casas (cubatas) e tiram água com um balde amarrado a um fio. Esta água, principalmente em tempo chuvoso, é turva, quase com cor branca, e serve para quase tudo: cozinha, higiene pessoal, lavagem de roupa e louça. Em tempo seco, por falta de chuvas, as cacimbas ficam sem água e é necessário formar grupos para acarretar a água no rio.

Por falta de energia elétrica, ao anoitecer, utilizam-se lanternas a pilhas e fogueiras de lenha. Não existe nenhuma outra infraestrutura acabada. Existem construções inacabadas de projeto de 8 salas de aula, um hospital e casas de construção de alvenaria, que estão suspensas, ou seja, as obras foram reprovadas por não seguirem as regras de construções (sapata, pilar, etc.), tendo o empreiteiro abandonado as suas obrigações. Há um posto medico com três salas, nomeadamente sala de parto, clínica geral e sala de observação, que está acabado e aguarda o mobiliário hospitalar e a inauguração por parte do Governo.

## **Organização política e administração da comunidade**

O Bairro adotou uma estrutura administrativa provavelmente partindo da experiência militar dos seus integrantes, composta por um Coordenador, que no período da guerra era Capitão e exercia a função de Comissário Político. O coordenador acumula a função de secretário do MPLA (as pessoas mudaram de posição em função do abandono a que a UNITA as vetou) e conta com uma equipa de apoio, composta por um Conselheiro (Major), um responsável pela Saúde (1º Tenente), um responsável pela Educação (Civil), um responsável pela agricultura, um estafeta ou mensageiro e um promotor da agricultura (administrador).

A administração do bairro é eleita por um mandato de quatro anos, em assembleia de moradores, onde todos a partir dos 14 anos de idade têm direito a voto.



## População e Habitação

No bairro 11 de Novembro vive 2.163 habitantes, distribuídos pelos diferentes grupos etários e o sexo, conforme tabela abaixo.

**Tabela 1: População da comunidade 11 de Novembro, segundo o grupo etário e o sexo**

Distribuição Faixa etária	Faixa etária	Feminino	Masculino
0-5	96		
6-18	996	671	325
19-35	268	128	140
36+	803	324	479
Total	2163		

*Fonte: levantamento feito pela própria*

Uma primeira análise destes dados obriga a alguma pesquisa suplementar, gerada pela leitura de certos dados, como a distribuição das crianças entre os 0 e os 5 anos, o salto abrupto na geração dos 6 aos 18 (ter-se-á registado uma quebra recente da natalidade?), a baixa presença de adultos jovens, ou o contraste entre o número de raparigas e rapazes na faixa dos 6 aos 18 anos, e entre homens e mulheres com mais de 36 anos.

Apontam-se desde já algumas explicações. Por exemplo, a diferença de dimensão na faixa-etária entre e os 19-35 anos deve-se a que muitos não participaram na transferência de Kueio para Kassela. Outros preferiram procurar emprego, qualidade da educação e melhores condições de vida nas províncias vizinhas. Alguns mais velhos, deficientes, por não se verem regularizado quanto às suas pensões militares, preferiram voltar para as localidades de origem. O bairro 11 de Novembro apresenta 3 tipologias de residências. As casas de tipo mais vulgar são as de capim (casa barreada), porque requerem menos custos (matéria-prima e força de trabalho). São cobertas de capim (chipundo) retirado das matas e feitas de pau a pique, ripa (vincondombola), corda (olundove, um tipo de cordões retirados das árvores do tipo mutete, mucuve e mussamba), as paredes são feitas com areia misturada com barro. O segundo tipo corresponde a casas do tipo “emergências”, que são apenas de pau a pique e capim, com uma durabilidade de 4 anos. E por último existe a casa de adobe ou casa de material misto, de pau a pique, adobe e chapa de zinco, teto de capim ou chapas de zinco para os que têm mais poder de força de trabalho.

Normalmente, quem fabrica o adobe e constrói as casas são os proprietários, com a ajuda de familiares e vizinhos, a custo zero. As tarefas na família são divididas pelos seus membros da seguinte forma: o esposo e os filhos são responsáveis por cortar o capim, os paus e fazer as cordas, enquanto a esposa e as filhas se encarregam de transportar os paus e juntar areia perto da obra. De realçar que a preparação do local e a estrutura arquitetónica é da responsabilidade do esposo. No caso da casa de adobe, normalmente mais dispendiosa, primeiro preparam-se os adobes feitos de barro e água, em forma de paralelepípedo com cerca de 30x20x15 cm. Depois os adobes são colocados ao sol até secarem, o que constitui uma forma de confeccionar este tipo de materiais para construção, pelo fato de não existir um forno tradicional.

É comum encontrar casas divididas em dois quartos e uma sala com mesa feita de troncos de madeira e cadeiras em plástico. A “casa de banho” (uma latrina artesanal rodeada de palha e uma entrada estreita, assegurando a privacidade do utilizador) encontra-se desassociada da moradia principal. A latrina é um buraco no solo direito à fossa, isto é, uma escavação de aproximadamente 3m de comprimento, com um orifício barrado com barro e coberto por barrotes, que não precisa de água depois da utilização).

A cozinha também é separada da residência principal. Tem uma fogueira a lenha de três pedras para confeccionar os alimentos (por vezes fora da construção barreada) e espaço para guardar a pouca louça, os utensílios de cozinha e os alimentos. O quintal é a parte da residência não fechada com vedação, isto é, o espaço aberto que medeia as casas, as casas-de-banho, os currais do gado e os celeiros. Está parcialmente ocupado com pequenas hortas e outros cultivos para consumo imediato. As filhas que não estão casadas e os filhos de um “chefe de família” (aqui o termo tem pleno cabimento), com ou sem mulheres, também têm as suas residências no quintal e utilizam a mesma cozinha, ou seja, apenas se confeciona uma refeição para todos.

Todo o material para a construção da casa é retirado das matas ao redor do bairro 11 de Novembro, exceto as chapas de zinco, que se compram (ou permutam) no mercado da capital da província. A cama e a mesa são artesanais, feitas de paus (barrotes) e cobertas de capim. Algumas camas são forradas com cobertores para dar conforto, mas quem tem mais possibilidades económicas pode possuir um colchão de espuma.

É notório quase todas as casas têm um celeiro, lugar onde se conservam e guardam as sementes a ser utilizadas na véspera da campanha agrícola. Estas sementes, normalmente, são retiradas das próprias lavras e outras são adquiridas no mercado.

## Atividade económica

### Comércio

Existe um pequeno mercado (praça aberta) dos mutilados, como é chamado, onde a moeda principal é a permuta dos principais produtos, o milho e o massango, feijão frade, feijão manteiga, massambala, gengibre e amendoim, trocados por produtos como sal, açúcar, óleo, arroz, peixe seco, material escolar, cremes, roupa usada, sabão, detergentes para a roupa, utensílios de cozinha e quarto, etc. Ainda neste mercado existe um forno de lenha onde se produz pão de trigo e de batata-doce assada. A permuta entre as pessoas da aldeia e os comerciantes que vêm da cidade organiza-se segundo as regras da troca, só que quem dita as regras é o comerciante que vem do Menongue, que consegue impor uma relação de troca muito desigual, devido à dificuldade de os levarem os seus produtos ao mercado na capital da província. Há uma oscilação do valor do milho em época de cacimbo, isto porque é neste período que se estão a preparar as sementes para a abertura da próxima sementeira e o milho torna-se muito caro. Mas como a comunidade não tem local para conservar uma grande quantidade, nem transporte para o levar até ao mercado da cidade, sujeita-se a aceitar todo o tipo de preços determinado pelos comerciantes e a diferença é enorme, mesmo com a justificação de todos os gastos pelo aluguer do transporte.

Existem produtos que, por serem considerados vitais e de consumo habitual pela população do Sul de Angola, como é o caso do milho, massango e massambala, podem ser permutados com bovinos, suínos, caprinos e equídeos, dependendo da quantidade.

O mel é usado como moeda de troca nos meses de março a julho, por ser o período climatérico propício para a apicultura.

A tabela do preçário e permuta é estabelecida da seguinte forma (naturalmente, quando os preços que os comerciantes levam são mais caros na aldeia do que na cidade, trata-se dos que a aldeia compra):

Produtos\Comerciante	Preço na Capital Menongue	Preço no bairro	Permuta
Peixe cabuenha (carapau, sardinha, cachucho) pequenos;	Kg 500,00 kzs	8 peixinhos 200,00kzs	8 peixinhos por 1kg de milho
1 carapau seco 300g	250,00kzs	400,00kzs	2 kg de milho
1 kg de Sal	200,00 kzs	600,00	2 kg de milho
1 kg de açúcar	600,00 kzs	1000,00kzs	

1 L de óleo alimentar	1200,00kzs	2000,00kz	100 ml num medidor por 1kg de milho
500 g de sumo em pó	50,00 kz	250,00	1 kg de milho
1 barra de sabão de 500g	1.200,00kz	2500,00	1/6 por 2kg de milho
1 kg de milho	250 a 350,00 00kz	100 a 150,00	1kg de açúcar por 6 a 3kg de milho
1kg de feijão manteiga ou catarino	700,00 a 900,00kz	300 a 450, 00	1kg de açúcar, ¼ de sabão, óleo etc.
1 feijão macunde	350,00kzs	100,00kzs	Outros produtos
1 galinha	3000	1800~2000 kzs	Material escolar, roupas;
Balde de milho	1000,00	400,00	Chinelos, sandálias, chupas
Uísque pacote	100,00kzs	250,00	1kg de milho
1 pão carcaça	50,00	150,00	1kg de milho
1 kg de fuba de milho ou massango	350,00	150,00kzs	Produtos de higiene, roupa de cama
Cabeça de gado	250.000,00-300.000,00 kzs	200.000 Kzs	Micro-credito, força de trabalho em fazendas vizinhas.
1 vitelo	15.000,00	7000,00 kzs	Roupas usadas e utensílios de cozinha

Alguns criadores de gados desta comunidade, para adquiri-lo a menos preços do valor praticado em Menongue e, em quantidade superior a duas ou mais cabeças, habitualmente deslocam-se ao Rivungo para comprar, normalmente aproveitando-se do período de seca, já que nessa altura é que mais se verifica a transumância do gado. Rivungo é um dos municípios do Cuando Cubango que dista cerca de 532 km de Menongue.

Estes são os produtos com mais procura no pequeno mercado do bairro. Importa destacar que há produtos não referenciados nesta lista.

Dos três fornos tradicionais usados para cozer o pão que têm fornecido a comunidade, dois pertencem aos comerciantes da cidade capital de Menongue e estão instalados em locais como quintais abertos alugados. Um destes foi instalado ao redor do pequeno mercado aberto, de permuta, e é construído de barro e possui grelha, um tabuleiro e uma separação por baixo onde se coloca a lenha. Para além do pão de trigo, também se coze o pão de batata-doce. As duas moagens que trabalham a motor de bateria, para além de servir a comunidade, acodem também os bairros e aldeias vizinhas.

Existem alguns comerciantes que têm as suas bancadas de comércio no mercado, mas não são residentes do bairro.

Há produtos que são levados para venda em valores monetários na capital Menongue. Alguns moradores alugam uma mota de carroçaria de três rodas, designada “caleluia”, como dissemos

acima, e levam os produtos à capital da província, para vender a dinheiro, para depois comprar cabeças de gado bovino e suíno, galinhas e fertilizantes para o cultivo.

### *Cooperativa ou polo agrícola*

Existe uma cooperativa, implantada num terreno cedido pelo Estado a cerca de 4 horas de caminho a pé, um vale muito extenso e húmido, cujo processo de legalização está em curso pela administração do bairro, junto do Governo da província. A cooperativa é pertença de todos os membros do bairro. É dirigida pelo coordenador e pelo responsável da agricultura do bairro, que também estão encarregues de toda a comercialização.

A cooperativa não paga qualquer tipo de imposto, mas faz a devolução em tempo de colheita de valores cedido ao microcrédito FADA (Fundo de apoio de Desenvolvimento Agrícola), sem nenhuma taxa fixa. Em tempo de colheita recolhe-se os produtos que são levados ao mercado no Menongue. Depois de vendidos, uma parte do dinheiro faz a devolução à FADA e outra fica como fundo (cofre ou tesouraria) para a cooperativa. O fundo serve para comprar sementes que não são adquiridas pelo microcrédito, para apoio aos doentes, aos familiares de falecidos, para aluguer de viatura para trabalho da cooperativa, etc. A FADA, na sua política de microcrédito, não entrega valores monetários, mas produtos agrícolas. No contrato com a cooperativa, seleciona as necessidades dos produtos ou meios de trabalho, tais como charrua, trator, sementes, gado, enxada, catanas. Em tempo de colheita, depois da venda dos produtos, é devolvido o valor monetário equivalente ao valor monetário do apoio da FADA, que não é fixo. Os trabalhos são apoiados por agricultura mecanizada, através de dois tratores, mas um deles está avariado definitivamente e o outro também avaria com frequência, sendo sempre muito demoradas as reparações (meses de demora). Assim, o trabalho é feito à mão com a ajuda de bois, e todos na comunidade participam, exceto os convalescentes, no espaço dos 40 hectares que constituem atualmente os terrenos da “cooperativa”. O período a que se dedicam ao cultivo no campo, com a preparação da terra, tem sido a época chuvosa, quando são criados grupos que se vão revezando para trabalhar em prol da cooperativa. Note-se que estes terrenos ficam a mais de 20 Kms de distância da aldeia, feitos a pé pela mata num percurso que leva 4 a 5 horas a percorrer, pelo que cada grupo tende a pernoitar no local para justificar a viagem.

Os resultados da produção são permutados entre os membros da comunidade, em proporções iguais para todos. Apesar de existirem pessoas cujas deficiências (quer mentais, quer sensoriais ou músculo-esqueléticas) não lhes permitem trabalhar ou deslocar-se, essas pessoas recebem o mesmo que as outras. Os produtos cultivados são milho, massango, feijão, ginguba, bem como

se está a experimentar a plantação ou semeio de batata-rena, abacaxi e mandioca. Alguns produtos são comercializados pelo valor monetário, outros por permuta com produtos de que carece a comunidade. Para a divisão dos produtos, as colheitas são colocadas num armazém e distribuídas a todos os membros, com prioridade sempre para os convalescentes.

### *Outras atividades económicas*

O bairro vive principalmente de dois tipos de agricultura de pequena subsistência: hortícola, produzida em pequena escala nas “nacas”, utilizando enxadas ou tração animal, e “ovapwia”, terrenos que resultam do derrube de árvores para obtenção de radiação solar na plantação do milho e massango.

Os habitantes deste bairro são camponeses e também artesãos que se dedicam ao fabrico de machados, bicos (peças de ferro que removem a terra), rodas guia (peças que ficam na roda da charrua), ivecós de charrua, almofarizes (otchine), cabos de faca, balaios, pilões (gamelas), cestos, lemos (maçaricos), utensílios de cozinha. As redes de pesca são adquiridas no mercado da cidade por troca com milho ou dinheiro.

Quanto à apicultura, existem dois tipos de colmeia. Um é feito a partir do caule de uma árvore descascada e cavada até fazer uma perfuração oval que se cobre com folhas. A outra, mais comum, consiste na colocação de um almofariz ou bidon de 25 litros no meio dos ramos, amarrado com “alandove” (cordas de troncos). A preparação para o mel é de três meses. É uma atividade mais frequentemente realizada pelos mais velhos, que começam a preparar as colmeias na segunda quinzena de março e recolhem o mel até julho, altura própria do cacimbo e ventos fortes na área.

A pesca artesanal é feita nas proximidades da Comuna de Jamba Cueio nos rios Cueio e Cubila, devido à qualidade do peixe, e é mais para o comércio. O peixe acaba por ser vendido ao longo do caminho feito a pé para a comunidade. O rio que existe ao redor do bairro é muito arriscado pela quantidade de jacarés que aí abundam, o que não oferece a oportunidade da pesca e tem representado um perigo para as pessoas. Os caçadores não têm feito a caça nas matas da comunidade, devido à extensão habitacional que leva os animais a migrar para outras áreas desabitadas.

## **Família**

O bairro 11 de Novembro é constituído pelos militares deficientes e suas famílias provenientes das matas em tempo de guerra. É comum as situações de parte das esposas eram muitas vezes jovens apanhadas nos Bairros por onde as tropas da UNITA (e de outros movimentos de libertação) passavam, normalmente com o argumento de servirem para a cozinha ou para serviços auxiliares, vindo depois a transformar-se em esposas desses militares que ainda não eram casados nas suas zonas de origem. Outros (não casados juridicamente ou pela Igreja), por imperativo da guerra, deixavam as esposas nas áreas de destacamento e, quando iam para outros locais, arranjavam outras esposas. Kassela difere em alguns casos do que era habitual, pois, nesta comunidade não existem casos de homens que antes de se juntarem às atuais esposas fossem já casados, a não ser nos casos de poligamia, em que, naturalmente, as segundas esposas e as que se seguiram casaram com homens já casados. Muitas crianças do sexo masculino eram também apanhadas a partir dos 8 anos de idade nas lavras ou aldeias, vindo depois a servir as Forças Armadas de Libertação de Angola (FALA). Eram levadas compulsivamente e depois submetidas a preparação militar.

Estes militares deficientes foram recrutados para as FALA ainda muito jovens, na flor da idade. Estes militares não eram casados, muitos formaram famílias nas localidades onde ficavam por muito tempo. As jovens eram apanhadas em tempo de guerra nas comunas em que os militares da UNITA passavam, para ajudar a cozinhar os alimentos e quase todas serviam como mulheres dos militares, muitos deles ainda sem deficiência. Importa realçar que a deslocação destes militares devido a guerra levou a que formassem outras famílias onde passavam. As estruturas familiares neste bairro são alargadas, constituídas pelo pai, mãe e filhos, e variam entre 5 e 32 membros, desde pais mais jovens aos mais adultos. É uma comunidade em que existe a poligamia (entre dois e quatro mulheres), por isso encontrarmos 32 membros da mesma família. É reinante a existência de incesto, ligação marital entre parentes próximos, como primos e tios, fundamentando o processo de continuação da árvore genealógica.

No caso dos polígamos, as relações entre as esposas são boas e convivem normalmente, embora cada uma tenha a sua casa separada das outras mas no mesmo quintal. O polígamo reparte a frequência noturna entre as casas, pernoitando um dia alternadamente com cada esposa, dando primazia sempre à mais velha (em alguns grupos étnicos) ou à primeira, ou ainda à que está em período fértil. A poligamia é determinada pela cultura dos diferentes grupos étnicos:

Nganguela, Tchokwe e Ovimbundu, isto é, cada um respeita a sua linhagem familiar, onde a primeira mulher tem mais direitos, ao passo que outros estabelecem igualdade entre elas.

Nesse Bairro existem homens monogâmicos que, por opção, preferem ter apenas uma mulher, alegadamente por se sentirem em melhores condições de assistirem a família. Outros, preferem ter uma só mulher porque o seu grau de deficiência não permite a mobilidade e os poucos recursos que conseguem obter não permitem melhor assistência à família se tiverem mais de uma mulher. Um deficiente nessa condição terá feito o seguinte desabafo: “não posso ter duas famílias, estou sem condição física para trabalhar na lavra. Não tenho força para ir à lavra. Como é que nessa condição irei sustentar os filhos? Só aguento o trabalho de enfermagem. Mesmo sem salário, consigo ajudar o bairro”.

Uma das condições indispensáveis para alimentar a família neste bairro é possuir uma lavra para cultivar e criar animais. Quem tiver força física, poderá prestar serviço a uma fazenda fora do bairro, se eventualmente tiver um grau menor de deficiência que não impeça esse desempenho físico.

Os filhos não são distinguidos em função da mãe, mas são simplesmente irmãos. Cada esposa tem a sua lavra a cultivar como fonte de sobrevivência e o esposo é obrigado a programar o seu apoio, obedecendo ao cumprimento de escala de trabalho em cada uma das lavras, e por vezes vê-se forçado a trabalhar aos finais de semana (é uma das particularidades dos homens polígamos, a força de trabalho). Para sustentar as famílias, os esposos têm de ter condições físicas para ajudarem a trabalhar na agricultura, que é o único meio primário de sustentação nesta comunidade. Ainda que de longe em longe, ou por dependência da época, façam trabalhos em fazendas vizinhas, ou apicultura com o propósito de ir buscar alguns produtos para troca, são forçados a trabalhar nas lavras individuais das diferentes esposas. Há trabalho que muitos homens não conseguem realizar devido ao grau de deficiência. Outros não podem mesmo trabalhar (paraplégicos ou doentes mentais), dependendo das suas esposas, dos filhos e da cooperativa para se alimentarem.

Algumas famílias, para além da lavra individual, têm a familiar (mais hectares), com o objetivo de acudir às necessidades comuns como o alembamento, (a compensação matrimonial paga pelo pai da noiva que legitima e consagra o casamento, símbolo de aliança dos noivos e seus respetivos grupos de parentesco), cerimónias fúnebres e apoio à vizinhança, quando necessário. Todos os membros da família (filhos, esposas, noras e marido), principalmente no tempo chuvoso, época em que mais se trabalha no campo, são obrigados a tirar um dia para cultivar a lavra familiar.



### ***As crianças, força de trabalho utilizada***

As crianças, em particular as meninas, depois de começarem a andar iniciam a realização de trabalhos domésticos, nomeadamente acarretam pequenos troncos secos a cabeça, garrafas com água, alguns utensílios de cozinha, etc. As meninas são responsáveis por cuidar da casa, dos seus irmãos, sobrinhos menores, lavar a louça, puxar água na cacimba (poço de água perfurado manualmente até à primeira reserva de água próxima da superfície, cimentado por cima, que fornece água imprópria para consumo humano), cuidar da higiene, lenhar (vai um grupo de meninas quase todas da mesma idade às matas ao redor do bairro à procura de troncos de árvore seco para acender o lume e cozinhar, etc.). Aos 7 anos de idade elas já cozinham para os mais pequenos, quando os pais e os irmãos mais velhos vão às lavras, e muitos acompanham-nos para aprender a realizar todos os trabalhos agrícolas, principalmente em tempos de colheita. Os meninos a partir dos 9 anos, começam a ir aos campos, ajudam a puxar as carroças, aprendem a fazer tudo.

### ***O papel da Mulher***

O papel da mulher nesta comunidade é o de cuidar da educação dos filhos, da casa, do trabalho do campo e do marido. A partir deste estatuto minimiza-se o espaço da mulher, sendo reforçado o papel da mulher dona de casa, cuja vida está confinada ao espaço doméstico: o marido, os filhos, a água, a lenha, a roupa, a comborça ou rival (que ela própria, por sua vez, escolhe), a segunda mulher dada ao marido pelos familiares, além dos demais fardos que a vida coloca nos seus ombros (Semedo, 2007:103). As famílias vão às lavras muito cedo, por volta das 4:30h da manhã, em tempo de schar e de preparação da terra para lançar a semente, e às 6:30h em tempo de colheita. As lavras são distantes do bairro entre uma hora e meia a duas horas a caminhar e, para ir à cooperativa, entre quatro e cinco horas (na abertura do ano agrícola é necessário pernoitar por uma semana, para aproveitar mais o tempo do trabalho). A essa hora as mulheres deixam os filhos mais pequeninos a dormir sob a responsabilidade das irmãs. Independentemente da época climatérica, começam por regressar por volta das 2:30 da tarde, encontrando as lenhas e a água já preparadas para confeccionar o almoço. As reuniões familiares, e não só, são normalmente ao anoitecer, mais concretamente depois da jornada de trabalho, junto da fogueira ou lanterna (iluminar), onde são abordados temas de vária índole.

## *Educação sexual*

As meninas, a partir da aparição do primeiro período menstrual, são levadas para casa de uma tia, onde lhes é transmitida toda a preparação como mulheres, desde a organização doméstica, até ao que se espera da sua atividade sexual, passando pela convivência marital. A iniciação sexual é assegurada por um primo, sob a supervisão da tia. O processo poderá durar entre dois e três anos. É nessa convivência que elas encontram toda a abertura da parte das tias, que ao contrário das mães levam ao conhecimento das meninas toda a informação, sem qualquer tabu. Os rapazes são também iniciados por volta da puberdade (por volta dos 15 anos), sendo para isso visitados por uma mulher mais velha que verifica se têm todas as funções sexuais plenamente desenvolvidas.

Os meninos dos 7 aos 15 anos de idade vão ao processo de circuncisão nos meses de maio a julho. Ao longo desses meses é selecionado um grupo de jovens que farão parte deste processo. Os pais preparam as condições alimentares e contribuem nas despesas do alojamento. Os jovens são levados a aldeias vizinhas, onde normalmente é marcada esta atividade nas matas de circuncisão (“Ewamba”), cada um deles acompanhado de um membro da família (homem), durante um período de 3 a 6 meses. É cortado o prepúcio com uma faca, a sangue-frio, cobrindo-se a ferida com folhas medicinais. Amarram uma corda em volta da cintura que segura o pénis para quando se movimentar não aleijar a ferida do jovem, até à cura. Enquanto a ferida não curar, os jovens ficam nus e enquanto estiverem neste local não pode aparecer nenhuma mulher. Nos primeiros sete dias, não podem tomar banho para o medicamento não apanhar água e sair. Depois de quinze dias da circuncisão, e durante os três primeiros meses, todos os dias acordam às quatro horas da manhã para tomar banho no rio, às sete horas tomam o pequeno-almoço e depois aprendem artes e ofícios de armadilha para caça, educação sexual, aprimoram o ensinamento da caça, aprendem atividades agrícolas, como construir uma casa, as danças tradicionais, educação local (regra de como saudar os mais velhos), etc. Depois dos três primeiros meses preparam a saída das matas para os seus Kimbos (bairros). Os pais devem levar roupa para os filhos saírem do local da circuncisão. São também os pais que preparam uma kalundulola-wamba (cerimónia ou festa) no período noturno e os jovens apresentam-se à comunidade com danças que aprenderam durante este processo.

Para irem às suas casas, caminham em forma de fila indiana, começando pelo primeiro a ser circuncidado, sentam-se todos no luando do quintal onde são recebidos, onde é servida uma refeição, e continuam com este ritual em todas as casas onde passam até deixar o último jovem.

São ensinados como devem comer para cumprirem em todas as casas que passarem, não se pode negar alimento em nenhuma das casas justificando estar “repleto” de comida.

### *Do namoro até ao casamento*

O namoro começa entre uma jovem menina dos 13 aos 14 anos e um rapaz com 16 ou 17 anos. Idealmente, encontram-se jovens com mais de uma namorada. Estes jovens convivem entre membros do seu bairro e aldeia vizinha, entre colegas de escola, vão em grupos ao rio, frequentam grupos religiosos e praticam retiro espiritual entre aldeias, participam em atividades culturais e desportivas entre bairros. Por se tratar de um bairro fechado e quase sem interação com as aldeias próximas, o namoro é entre vizinhos e há poucos casos de namoro entre jovens de diferentes aldeias. O bairro tem uma Cantina (Tchove Tchove) onde se vendem os produtos preferidos e onde os jovens colocam um aparelho de som, ligado a um gerador a gasolina. De sexta-feira a domingo, das dezoito às vinte e duas horas, os jovens ouvem música, dançam, aproveitam para se conquistar, e outros levam as suas namoradas.

Para o namoro existem várias possibilidades. Há os que resultaram da escolha pelos interessados, os que são escolhidos pelas famílias, e ainda os que são escolhidas pelo homem, no caso da poligamia. Na maioria destes casos com as primeiras e segundas mulheres não existiu conquistas ou namoro, foi por obrigação pelo contexto de guerra, porque estas mulheres foram apanhadas nas lavras e aldeias, sem possibilidade de escolha. Sendo uma comunidade polígama, alguns jovens e homens de idade têm mais de uma namorada, ou seja, têm-nas no seu bairro e nas aldeias vizinhas.

As pessoas iniciam o namoro até à convivência (casamento tradicional) formal, de sua livre vontade, apesar de que muitas serem escolhidas pelas famílias, principalmente quando estas se conhecem. Os pais normalmente aprovam o namoro, quando se apercebem, na maioria dos casos confirmados, que as filhas já estão grávidas. E para honrar o bom nome da família, os namorados são obrigados a cumprir com os deveres de formalidade. A existência de dote é culturalmente muito importante para estas famílias, pois representa uma compensação para a família, bem como um símbolo de aliança e de reconhecimentos entre os grupos de parentes.

Os namoros escolhidos pelos parentes nem sempre obedecem a uma concordância entre as famílias e as raparigas, isto é, os pais normalmente concordam, mas elas não. Nas meninas, desde muito cedo, são incutidas normas relativas à educação tradicional (nomeadamente sobre a função da mulher no lar) que passa pelo processo de iniciação logo após a primeira menstruação, como descrito acima.

De resto, as raparigas têm um recurso que podem utilizar. É que, quer tenham sido elas a escolher o noivo, quer tenham sido as famílias, é norma que antes do casamento os noivos se encontrem intimamente para verificar se sexualmente ambos funcionam de forma compatível. Ora, caso prefira outro homem, a rapariga tudo fará para que o coito não se verifique, o que será uma espécie de vergonha para o rapaz que verifica que a porta da casa da tia da prometida se encontra fechada no dia seguinte. Caso ele seja do agrado da rapariga, ela aceita-o e a porta fica aberta. No primeiro caso o casamento não se dá, no segundo prossegue.

Para o antropólogo Américo Cuononoca (2019), nas comunidades rurais a educação dita tradicional é progressiva e dirigida ao modo de vida de cada região, à cosmogonia, usando para o efeito o método da oralidade, a imitação e a experiência dos mais velhos. As raparigas que apresentam ou já apresentaram o primeiro fluxo menstrual são isoladas pelo menos durante uma semana, para aprenderem as normas e a essência da função de uma mulher, ser esposa, mãe, nora, boa dona de casa e trabalhadora no campo. Isto é, com a aparição da primeira menstruação (hacula) em língua Kioko e em Ngangela, é imprevisível, a mãe isola a filha até terminar a primeira menstruação. Posteriormente, cria as condições logísticas para mandar a filha a casa da sua tia.

A autorização dos pais da rapariga, depois de verificado o cumprimento dos requisitos (varia de família para família, desde o gado bovino ao suíno, bebidas e outros bens) pedidos ao futuro genro, comunicam para formalizar os procedimentos da relação.

Para o polígamo, ao pretender mais uma mulher, primeiro namora sem compromisso, depois dá a conhecer à família da futura mulher o desejo de formar outra família. O homem conversa com as outras mulheres para dar a conhecer a existência de uma terceira ou quarta relação, para futuramente não ter problemas entre elas. Só assim cumpre com as formalidades para o dote ou alembamento com os parentes da futura esposa e cria condições para levá-la ao novo lar. Será apresentada em cerimónia às outras mulheres que partilham o mesmo esposo e aos seus filhos. Nesta comunidade, diferente das outras, não encontramos esposas de polígama a viverem juntas na mesma casa, mas sim no mesmo quintal, cada uma com a sua residência.

As primeiras mulheres nem sempre concordam com as rivais. A senhora Maria (nome fictício), nunca aceitou a segunda nem a terceira mulher do marido mas, como sofreu agressão física doméstica, foi obrigada a conviver com esta situação, a partilhar o mesmo quintal: “sempre *que o pai(marido), viesse com essa conversa nunca aceitei, era muito barulho, me batia até sangue, já me tirou... para não perder a vida aceitei, também já estou na reforma, com 9 filhos aguento só, toda hora ir no Tchove-tchove, conquistar as miúdas, estamos aqui no mesmo quintal, comemos, vamos à lavra juntas.*”

A Senhora Ana (nome fictício), segunda esposa, diz: *“nunca vou conviver com a terceira mulher, não tem educação. Por isso lutamos sempre, o pai (marido), não pode obrigar a ser amiga dela, o filho vem aqui em casa, porque vivem lá em baixo (150m), convivem entre irmãos, trata-me de mãe, o problema é com a senhora, as crianças não têm nada a ver.”*

Nos casos em que a escolha começa desde a infância, pela amizade dos pais, é mais fácil o namoro. Começa com a convivência em todas as etapas de crescimento, desde a frequência da escola, até a ida ao campo agrícola, passando pelas atividades religiosas e até ir fazer higiene pessoal ao rio, com a intenção de se protegerem predadores ou mesmo de assédio por parte de rapazes quando se trata de meninas. Nesse caso, os namorados não têm relações sexuais muito cedo, os seus encontros são sempre na presença de familiares de ambos.

O namoro começa pela apresentação ou bate-porta (apresentação formal entre os parentes). Ainda que os pais se apercebam que a sua filha está a namorar, é necessário formalizar a relação se tiverem a certeza de que vão formar família. O rapaz conversa com o pai da namorada para marcar uma data de formalização do seu namoro. Acompanhado pelos pais e por um tio, leva um animal e uma bebida específica a casa da pretendida, a fim de oficializar o namoro e marcar a data do alambamento. Não se faz a apresentação àqueles namorados que se julga não terem uma perspectiva futura de constituir família.

### ***O casamento***

O casamento, naquela comunidade, é muito precoce (entre os 14 e 15 anos para as raparigas). Apesar de não constituir um casamento jurídico legal, existe um pedido de noivado e alambamento (nome do casamento tradicional). É comum que se cumpram certos requisitos para os que pretenderem uma mulher, como a entrega de carta de pedido, 2 garrafas de Catchipambe (aguardente), fato do pai, aponda (cinto), pano para a mãe, 1 par de brincos, Tchifato (lenço), sapatos, anel, cordão e gravata.

O caso de violação da proibição da gravidez antes do consentimento dos pais e da apresentação familiar é sancionado com o pagamento de multa, independentemente das amizades dos pais. Uns pedem cabeça de gado bovino, cabrito, katchipembe ou Ualende (aguardente), galinha, litro da primeira (é o primeiro líquido que sai da katchipemba na hora da destilação).

Por isso é que os jovens são incentivados desde muito cedo a começar a trabalhar no campo, já que os produtos que são cultivados servem para pagamento dos requisitos da carta do pedido. Esta forma de alambamento assemelha-se com o episódio Bíblico protagonizado por Jacó que

serviu o seu sogro Labão por sete anos a troco da sua filha Raquel, segundo o texto do livro do Genesis, capítulo 29, verso 20, que diz: “Assim, por amor a Raquel, serviu Jacó sete anos; e estes lhe pertenceram como poucos dias, pelo muito que amava”. Em alguns casos de famílias que não têm produtos suficientes para cumprir os requisitos, o jovem é obrigado a ausentar-se da comunidade por um período de pouco mais de 6 meses e procurar emprego nas fazendas vizinhas, na capital Menongue ou em províncias vizinhas como (Huambo, Bié e Huila-Lubango).

Os pais normalmente preparam o espaço para a construção da casa.

Também existem registos de casamentos religiosos entre os membros das Igrejas Evangélicas, celebrados pelo Pastor local, o que difere dos casamentos Católicos, nos quais um Padre se desloca desde uma aldeia próxima ou da Capital da província, pelo facto de na comunidade existirem apenas catequistas.

Para os rituais de casamento a família da noiva prepara a alimentação com todos os produtos locais e com apoio dos vizinhos (que normalmente contribuem com alguns produtos, tais como milho, tortulho ou cogumelo, galinha, etc.). É comum matar um animal grande (gado bovino) em honra da filha e para receção ao genro. A noiva leva o enxoval, que varia segundo as condições financeiras da respetiva família.

O namoro não costuma durar muito tempo e o casamento formaliza-se logo, pois na maioria dos casos vem acompanhado de uma gravidez. Os Jovens, e alguns mais velhos (caso dos polígamos), têm relações sexuais com as suas namoradas antes de dar a conhecer o namoro aos pais. Se a relação terminar, cada um arranja outro namorado no mesmo bairro ou noutra aldeia. No bairro, como em toda a região, escurece muito cedo, além de se encontrar facilmente coberto com árvores e capim alto, o que oferece aos jovens namorados boas oportunidades para terem relações sexuais, que eles aproveitam. Os que por algum motivo acabam o namoro, procuram começar com outra pessoa e programar a vida até concretizar os deveres (alembamento).

Trata-se de uma comunidade de trabalhadores rurais e o rendimento constituído por excedentes dos produtos do campo não utilizados para autoconsumo, gera as economias para a compra de enxovais e o cumprimento das responsabilidades das tias e mãe, como aquisição de utensílios domésticos.

Para se sustentar a nova família, o rapaz já traz de herança uma lavra, que lhe foi dada desde criança pelos pais, ou seja, os pais dividem os terrenos das suas lavras entre os rapazes e ensinam-lhes o trabalho do campo, pelo que, quando arranjam as suas famílias, têm as condições criadas para não dependerem dos pais. Estas divisões não incluem as raparigas, porque elas é que têm de ir para casa dos maridos, que, entretanto, têm todas as condições

criadas. Os noivos rapazes também trabalham em lavras ou em fazendas vizinhas, a fim de serem remunerados com valores monetários para satisfazerem outras necessidades, ou levam produtos agrícolas ao mercado do Menongue para venderem ou fazer permuta por produtos de que a comunidade mais carece.

### *A divisão do trabalho na família*

A atividade económica começa muito cedo, devido às dificuldades. Os jovens param de estudar com a 7<sup>a</sup> ou a 8<sup>a</sup> classe, sem possibilidade de continuar os seus estudos na comunidade ou em aldeias próximas. Os jovens do sexo masculino não prestam serviço militar obrigatório, pelo fato de as estruturas vocacionadas para o cumprimento da Lei do serviço militar obrigatório se limitarem às principais cidades e não estenderem os seus serviços às zonas de mais difícil acesso.

A mulher parte para o casamento (ou alambamento) com a tarefa do cuidado do lar e a obrigação de trabalhar na lavra para ajudar o marido. Alguns homens, para além das lavras, são obrigados a procurar emprego fora do bairro para sustentar a família. Alguns, depois de regressarem para a aldeia após o trabalho exterior e conseguirem dinheiro, abrem negócios. Outros trabalham em pequenas cantinas (pequenas mercearias/supermercados de bairro) na capital da Província, juntando-se às suas famílias apenas aos fins de semana.

Atualmente, os casais neste bairro têm muitos filhos e a maior parte começa a fazer filhos muito cedo e, até aos 30 anos, já têm mais de quatro filhos. Não consideram a hipótese de ter apenas um ou dois filhos, por acreditarem numa mitologia associada à possibilidade de os filhos morrerem cedo e, por outro lado, os filhos também são a continuidade da força de trabalho quando os pais não puderem mais trabalhar. Consideram os filhos como uma fonte de riqueza: quantos mais filhos tens, mais hectares consegues cultivar, mais terreno consegues trabalhar, e assim se tem o garante de proteção na velhice.

A mortalidade infantil, não só na aldeia como no país todo, ainda é lastimável, principalmente em crianças dos 0 aos 5 anos de idade. Segundo dados do INE (IIMS-2017), a taxa de mortalidade infantil é de 44 mortes por 1.000 nados vivos. Entre 2001-2005 e 2011-2015, a mortalidade infantil reduziu-se de 81 para 44 mortes por 1.000 nados vivos, o que representa uma evolução muito positiva. Os países da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC), com uma estimativa da taxa de mortalidade infantojuvenil, próxima da taxa de

Angola, são: Zâmbia, Madagáscar, Zimbabué, Tanzânia e Malawi.<sup>1</sup> Por serem relativamente altas, as famílias produzem grandes quantidades de filhos para assegurar que alguns chegam à idade de poder trabalhar. Vários fatores concorrem para este tipo de pensamento, que é característico de África em geral e de Angola em particular. “A taxas de mortalidade na infância tendem a ser mais baixas nas áreas urbanas do que nas áreas rurais. A taxa de mortalidade infantil é mais alta nas áreas rurais (61 mortes em cada 1.000 nados vivos). A diferença entre áreas urbanas e rurais é ainda mais pronunciada na mortalidade infantojuvenil (68 e 98 mortes em cada nados-vivos, respetivamente”.<sup>2</sup> Outros fatores concorrem para o mesmo resultado, como a falta de pessoas especializadas (médicos, enfermeiros e assistentes, aspeto em que a comunidade está relativamente bem servida, ao contar com dois enfermeiros e duas parteiras com formação, embora lhes faltem os equipamentos), falta de vacinas e medicamentos. As mulheres fazem filhos ano após ano, com base na crença cultural segundo a qual “onde come um, comem dois ou três”. Ainda assim, mesmo a amamentar os filhos com três ou quatro meses, devido às necessidades, as mães vão trabalhar na agricultura se for tempo de cultivo, carregando-os ao colo ou às costas. Outra justificação para o número elevado de filhos é assegurar no sustento de casa e na ajuda aos trabalhos de campo quando os progenitores não tiverem força para o fazer.

É característico na cultura africana, segundo Cuononoca (2019), as mulheres assumirem os trabalhos rurais nas culturas da família e iniciarem precocemente a sua vida adulta, introduzidas nas chamadas “sociedades secretas”, onde adquirem maturidade e aprendem os múltiplos valores e saberes que se coadunam com todas as esferas da vida. São valores culturais, éticos, humanos, de solidariedade e de obediência e submissão, que lhes servem para exercer o seu papel de mulher, mãe, esposa, cuidadora, harmonizadora, equilibradora e conselheira. Neste contexto, a mulher torna-se “mulher virtuosa cujo valor ultrapassa o de ouro fino.” Esta citação coincide com o texto Bíblico de exaltação da mulher pelo sábio Salomão no livro dos provérbios 31, versos 10. Tudo se passa como se os textos fundadores do Cristianismo tivessem vindo reforçar crenças ainda mais antigas. A aldeia não ficou de parte: quem cuida dos filhos é a mãe, que lhes dá de comer, os lava e veste, tarefa esta em que normalmente é ajudada pela primeira filha. Em alguns casos, por isso, as meninas de 5 anos ajudam já a cuidar dos irmãos e em trabalhos de casa. O pai tem a obrigatoriedade de pôr alimento para sustentar a família, mas,

---

<sup>1</sup> Fonte de dados: inquérito de indicadores Múltiplos e de saúde (IIMS), 2015-2016. INE, Angola.

<sup>2</sup> Idem (2017), gráfico (8.2; quadro 8.2), p.117



em todo o caso, as outras responsabilidades são exclusivamente da mãe, que nem por isso trabalha menos fora de casa.

## Relações de vizinhança

Por definição, uma comunidade é uma formação social humana cuja natureza se funda num conjunto de estados afetivos, hábitos e tradições (Tonnie, 1947 apud Brancaleone, 2008 ). Kassela é também assim: as pessoas deslocadas de guerra que a compõem estão juntas há mais de 20 anos. Formam uma aldeia com características específicas provenientes da história que une os moradores como se fossem todos família. Trabalham juntos nos campos, as alcunhas das pessoas são, na maior parte dos casos, suficientes para identificá-las em todo o bairro.

O mesmo situa-se no alto de um monte sobranceiro aos restantes bairros da Aldeia de Kassela (esclareçamos que a designação de “bairro” corresponde a agrupamentos de casas que, na verdade, constituem aldeias no sentido corrente europeu do termo, sendo que neste caso a aldeia de Kassela é formada por diferentes aldeias, aqui designadas por “bairros”). A trajetória histórica traz a proximidade entre a vizinhança, sem distinção dos grupos étnicos, que são vários (heterogeneidade étnica).

Em muitos casos, as mulheres passam a maior parte do tempo no bairro, enquanto alguns homens (mais os jovens), são obrigados a ir trabalhar para fora dos seus limites (aldeias vizinhas ou capital da província). Assim, as relações entre vizinhos são fundamentalmente femininas, devido à ajuda recíproca. É comum andarem em grupos para ir aos campos agrícolas, ao rio, ao mercado informal e aos rituais religiosos.

Existe também uma relação de vizinhança com as aldeias Mbimbi, a 12km de Kassela, e Tchiwai a 15km, entre as quais se organizam um campeonato de futebol, atividades religiosas, culturais e de comércio.

Embora exista uma relação forte entre mãe, filhas e irmãs, devido o processo de educação tradicional, é notório nos quintais das casas a formação de grupos de senhoras e raparigas sentadas a fazerem qualquer atividade doméstica e artesanal, como pisar milho, escolher feijão, trançar cabelo, lavar louça ou cozer renda.

Os pedidos de utensílios e produtos de cozinha (sal, óleo, sabão, açúcar, etc.) e instrumentos e meios de cultivos (enxadas, catanas, machados, etc.), são favores permutados entre vizinhos e, principalmente, entre os de maior proximidade de residência ou de parentesco e amizade; esta troca de favores não interfere negativamente na relação entre os vizinhos, é até o que os une, porque cada um vive o problema dos outros ajudando com o que pode, como eles dizem. As casas do bairro separam-se umas das outras em ruas e caminhos não urbanizadas. Conseguem-se conversar de uma casa para as outras, cada vizinha na sua porta. As habitações não estão

delimitadas com quintais fechados, por isso pode-se ver todo o movimento de entrada e saída de uma casa para outra.

Quando alguém recebe uma visita, ou quando se está a confeccionar comida, toda a gente sabe. A notícia de qualquer acontecimento, como óbitos, adultérios, visitas de pessoas estranhas ou familiares, aparecimento de um animal selvagem, roubos da moagem, etc., circula em frações de segundo por todos os moradores. As vizinhas são vigilantes do comportamento umas das outras, e colaboradoras na supervisão das brincadeiras das crianças no jango, isto é, um local onde têm lugar as atividades administrativas, políticas, festivas, de recreação e lazer da comunidade. Também é o local onde normalmente se recebem as visitas da comunidade. Normalmente, noutras aldeias, o Jango é um recinto redondo, fechado com uma vedação baixa e coberto de troncos de árvores e capim. O jango no bairro é muito diferente da tradição angolana, em que é uma espécie de caramanchão, ponto de encontro da população para comer e fórum para conversar e tratar de assuntos da comunidade. As vizinhas também controlam as crianças para não irem ao rio devido os ataques dos crocodilos.

Por falta de energia elétrica e de comunicações, não existe informação externa (televisão e jornais). Alguns moradores limitam-se ao uso de rádio a pilhas carregável ou alimentado por uma pequena placa solar. Muitos não estão interessados nem curiosos em relação às notícias do que se passa no mundo. As mulheres juntam-se às portas para conversar, trançar o cabelo, pisar milho, kissaca, etc., e daí parecem obter toda a informação que desejam, apesar de um ou outro ter um rádio que no canto da sua casa passa notícias em línguas nacionais.

## Educação

Há na comunidade mais de 500 crianças em idade escolar que, depois de terminarem o ensino básico, não dão continuidade aos seus estudos, por falta de escolas nos arredores. Os primeiros professores eram voluntários do coletivo de militares deficientes com algum nível de escolaridade, que ensinavam os seus vizinhos e os seus filhos. Com o decorrer do tempo, surgiu a necessidade de atrair as crianças à escola. Com a ADPP-Escola (Ajuda de Desenvolvimento de Povos para Povos) foram ministrados cursos de agregação pedagógica aos mais letrados e implementados programas para o ensino das crianças, que para o efeito também contaram, desde 2020, com a participação de estagiários de cursos de professores do 1º ciclo dessa Associação. Assim, foi possível transmitir experiência aos professores da comunidade para dar aulas às crianças. Entretanto, continuam a estudar por baixo de árvores, sentadas em pedras, troncos ou latas, pelo facto de não existir escola física. A Delegação Provincial da Educação tem, de quando em vez, apoiado a comunidade com cadernos, livros, lápis, quadros, mas dado o número reduzido desses materiais e o distanciamento entre esses apoios, a comunidade normalmente faz uso de chapas de zinco pintado com óleo queimado para fazer de quadro e bombó (tubérculo da mandioca) como giz.

Para o ensino primário, os professores são pagos por permuta: na colheita, a comunidade oferece alguns produtos que os professores, por opção, levam ao mercado para vender, usando outros para a sua alimentação. A comunidade construiu uma residência para os professores estagiários e comparticipa com alimentos. Há um processo em curso de enquadramento dos professores do bairro na Repartição da Educação do Menongue.

Os professores do programa de Alfabetização são remunerados pela Repartição da Educação do Menongue. O conteúdo lecionado nesta comunidade é o do programa do Ministério da Educação de Angola.

Concluem por classe a cada ano letivo 10 a 20 alunos. Por exemplo, no ano letivo 2021 matricularam-se no total 411 crianças da 1ª à 9ª classe, apesar de não termos o resultado de outras classes por indisponibilidade do representante do ciclo abaixo na comunidade. Neste mesmo ano, no 2º ciclo, concluíram 20 alunos da 7ª classe, 10 alunos da 8ª classe e 15 alunos da 9ª classe. O baixo número de estudantes que concluem deve-se ao facto de que em tempo chuvoso, quase toda a época do ano, as famílias preparam a terra, sendo as crianças obrigadas a ir trabalhar com os pais na lavra ou a ficar a cuidar dos mais pequenos. A alta taxa de abandono

escolar e os níveis muito altos de saídas antecipadas e precoces do sistema escolar relacionam-se diretamente com a escolha, imposta pelas condições socioeconómicas, entre a frequência escolar e o trabalho produtivo para prover às necessidades das famílias, num contexto em que a organização familiar se cruza com a atividade económica, o que gera, muitas vezes sem alternativa para as famílias, situações de trabalho infantil (Borges, 2007:73). Dos alunos que concluíram a 9<sup>a</sup> classe, 4 foram depois para a capital da província, onde ficaram alojados em casa de parentes para terminar o ensino médio, devido à distância e custo elevado do transporte. Desde a transferência desta comunidade das matas, até à comunidade de Kassela, só existe 1 aluno frequentar o ensino superior, no 2º ano de licenciatura em Economia no Instituto Politécnico de Município do Menongue.

## Saúde

Existe um posto de saúde dependente da Repartição de Saúde do Menongue, que apoia com medicamentos, anti palúdico, paracetamol, diclofenac, gentamicina, etc., bem como vacinas BCG, Pólio, Sarampo e Febre Amarela. Os enfermeiros são membros da comunidade, voluntários sem remuneração, formados ao longo do percurso da sua trajetória militar. A comunidade tem muitos problemas de saúde (diarreias, febres, vômitos, doenças respiratórias, paludismo e outras que resultam da sua grande exposição e gritante falta de meios para a higiene. As Igrejas e outras instituições de caridades ou pessoas beneméritas têm esporadicamente apoiado com medicamentos e campanhas de vacinação sempre que se regista algum surto, como febre amarela, pólio, etc.

A medicina tradicional trata de algumas doenças através de ervas e raízes tais como: mina tradicional (inflamação do pé, parecendo queimado de fogo, que ao longo do tempo leva ao apodrecimento do pé e à morte), Otchindendo (abcesso com elevação por fora até normalmente ao nariz, que em muito casos cria secreções apodrecidas), ondjipa (inflamação do tronco em direção ao peito), febre tifoide, dores de cabeça, infertilidade, disfunção erétil, diarreia, etc.

Existem ervas medicinais “cura tudo”, para tratar paludismo e febre. Faz-se uma infusão com a água a uma temperatura de 30° e bebe-se uma chávena de chá por dia. Também se utiliza para banho a vapor ou como sudor. A folha e as sementes de moringa servem para tratar AVC, tosse, hipertensão, febre-tifoide. As folhas fervidas são bebidas, as sementes são mastigáveis.

Há na aldeia duas parteiras tradicionais que tiveram formação básica em tempo de guerrilha. Na maioria dos casos as parteiras vão as casas das gestantes do bairro, chamadas pelos familiares que estiverem da parturiente quando esta está com dores. São poucos os casos que chegam ao posto médico de pau a pico existente. Estas mesmas parteiras também são chamadas para os bairros ou aldeias vizinhas. Têm acontecido casos em que a gestante vai a casa da parteira acompanhado de um familiar, normalmente a mãe. Semanalmente fazem de 6 a 8 partos, nos três bairros vizinhos. Também é tradição que a secundina deve ser enterrada nas matas, pelos familiares da gestante.

## **Rituais e religião**

### *Confissões e culto religioso*

Existem na Aldeia quatro congregações religiosas, nomeadamente, a Católica, a Igreja Evangélica Congregacional de Angola, a Pentecostal e a Adventista do 7º dia, cada uma delas com os seus rituais e crenças, que aliás se cruzam das mais variadas formas com crenças mais tradicionais. Existem famílias que professam religiões diferentes, mas o convívio é harmonioso, pois para os crentes Deus está acima de qualquer confissão. As mais importantes festas anuais que ocorrem são a Páscoa, o Natal, culto ou missas de corpo presente, Crisma, Batismo e Casamento. Não é comum a festa do Carnaval, porque muitos não conhecem o significado dessa festa, alegando os protestantes que é contra os princípios religiosos. Os templos, durante o tempo chuvoso, servem como salas de aulas.

A celebração do culto Adventista tem sido aos sábados, às 9 horas da manhã, e as outras aos domingos, pelas 8 horas. Quase todas as famílias, desde crianças até idosos, participam no culto. Ao meio da semana existem atividades religiosas, como ensaios de louvores e cultos de adoração. Para a igreja católica há uma catequista que celebra a missa aos domingos, enquanto nas outras Igrejas existem pastores. O Padre da região participa na missa em ocasiões muito especiais.

### *Rituais fúnebres*

O ritual de óbito inclui a missa de corpo presente celebrada pelo pastor ou pela catequista, independentemente da religião do falecido. Este ritual varia em função do grupo étnico e a região de origem. Nos dias de observação acompanhei o ritual religioso de um morador que faleceu em casa do curandeiro. O cadáver pode permanecer em corpo presente entre 4 e 5 dias, dependendo da estação climática, da idade e das condições económicas das famílias (é habitual que se acumulem familiares para os rituais do óbito, os quais precisam de alimentos).

Independentemente de onde se verificar a morte, seja a casa do curandeiro, a quimbanda, a residência, ou o hospital, o cadáver é levado a casa, onde se prepara o corpo (dar banho ao cadáver, vestir roupa nova se tiver condições para isso, se não, vestem-no com a roupa que

ele(a) usava). Coloca-se o corpo num colchão ou luando (esteira) num quarto da casa, enquanto a viúva(o) se senta em direção à cabeça, para cumprir o ritual. As mulheres de um polígamo ficam todas no mesmo quarto, mas a primeira fica à cabeceira, coberta de um pano ou manta, enquanto as outras se situam em volta do cadáver. Cria-se uma comissão de pessoas já viúvas para controlar a nova viúva(o) e dar-lhe de comer, já que só alguém que também é viúva(o) deve fazê-lo. Além disso, acompanhá-la-ão para qualquer sítio, até a casa de banho. Para a organização do ritual indica-se um grupo, denominado Chisoko. Este grupo tem a responsabilidade de fiscalizar todo o ritual fúnebre até o dia do funeral. O ritual começa com o acender de uma fogueira de três pedras e paus ao meio. Para acender a fogueira coloca-se Kaporoto (bebida tradicional) devido à elevada percentagem de álcool. Na fogueira é confeccionada a comida para a(o) viúva(o) e dela retiram-se achas para fazer mais três fogueiras, independentemente do número de pessoas, uma para os Chisoko, outra para os homens e a última para as mulheres, porque não se pode juntar na mesma panela de alimentos a comida das mulheres e dos homens. O tamanho da fogueira depende do número de pessoas e, principalmente, daquelas que pernoitam. Mata-se um boi, um cabrito ou um porco e guarda-se o fígado, o sangue e o coração para o dia das cinzas. Depois de vinte e quatro horas, escolhe-se um grupo de 6 pessoas para cavar a cova onde o defunto será enterrado. Os seis levam galinha, fuba e instrumentos para cavar como pás, enxadas e machados. Concluída a cova, só uma das pessoas volta a casa das exéquias (a comunidade chama-lhe “casa do óbito”), para comunicar que se está em condições de realizar o enterro. Durante a caminhada tem de observar toda a trajetória, pois não se pode deparar com alguns animais, como camaleões, lagartixas (mussulo) e cobras. Se isso acontecer, fica com a informação até ao dia das cinzas, para explicar o que viu e daí se tirarem conclusões com os mais velhões da família, dependendo do tipo de animal.

Alguns cadáveres são levados pelo transporte boi-coroça, para outros faz-se uma tipoia com seis homens. No funeral, depois dos rituais religiosos como orações ao baixar à cova e enunciação da biografia do defunto e da homenagem de familiares e amigos, todos regressam a casa, mas ninguém se pode desviar do caminho em que passou para ir ao cemitério. Colocam-se bacias às portas e toalhas para lavar as mãos e cumprimentar a família direta do defunto. Confeccionam-se todos os tipos de produtos cultivados por ele(a), com o significado de que foi trabalhador. A vizinhança contribui com produtos de seu cultivo, mata animais quem os tiver e quase todo o bairro participa das exéquias, de modo que varia com a relação de amizade. Toda a gente apoia sob o lema “óbito é kixikila”, que significa “ajuda o outro para amanhã, quando for a tua vez, também te ajudarem”. Fazem-se tambores (reservatórios de metal de 200 litros



que servem para transportar ou reservar produtos líquidos) de Kissangua quente, feito de farinha de milho ou massango, mistura-se com a raiz selvagem bundi, e depois de vinte e quatro horas ou mais para a fermentação da bebida, o preparado alcoólico é distribuído. A raiz (bundi) é que adocica a kissangua no caso de não haver mel, o que depende da época. Todos são convidados a se sentarem à sombra feita de lonas ou de árvores e são servidos a comer com as mãos. Depois, começam os rituais do luto. É levada(o) a(o) viúva(o) ao rio para tomar o primeiro banho, porque enquanto está o cadáver dentro de casa tal não se pode fazer.

No quarto dia, normalmente o último, reúnem-se as famílias e fazem pirão com o fígado e o coração e junta-se o sangue do animal que mataram ao iniciar a confecção dos alimentos do óbito. Começa então outro ritual, que varia entre os grupos étnicos no bairro. Deste grupo só fazem parte as pessoas da organização e a família, os chisoko, o grupo de seis que cavaram a campa e as que cuidavam a viúva/o e atendiam a tudo o que precisava, observando-lhe todos os movimentos, no sentido de saber se foi a/o causador(a) da morte do marido/da esposa. Começa por se apresentar a lista dos produtos que as pessoas contribuíram para a cerimónia fúnebre e reporta-se tudo o que aconteceu, para saber se a morte foi por feitiço ou natural. É dada a palavra à viúva/o, junto de uma bacia de água com troncos secos pequenos. Ao colocar o tronco na bacia vai dizendo algumas palavras:” marido, se eu sou causadora da tua morte, dou algum sinal ou em sonho, ou também vou-te seguir, vai dando sinal e serei crucificada”. Se o tronco não subir, significa que a mulher tem a ver com a morte, e sucessivamente vão-se lançando outros troncos, com outras palavras, até se chegar a uma conclusão. No primeiro caso, o tronco tem de subir até ao limite da água, e no segundo fica no fundo da banheira. Estes troncos a família do defunto é quem leva a partir do cemitério. Isto também acontece em caso do falecimento de uma mulher. Em caso de polígamo o ritual serve para todas as mulheres, no mesmo dia, começando pela primeira.

Terminados os rituais apaga-se a única fogueira que tinha restado e varrem-se as cinzas após sete dias a contar do dia da morte e assim terminam as cerimónias fúnebres. A viúva, depois dos rituais, cumpre um ano a dois anos de luto fechado. No primeiro mês só pode sair até ao quintal, ao por do sol tem de ficar fechada no quarto e não mais pode receber visitas. Não deve cumprimentar durante três meses, com beijos, estender as mãos a homens, deve usar roupas fechadas e escuras e, cobrir a cabeça. Depois do fim do cumprimento do luto, as roupas usadas nesse período, são recolhidas, queimadas e enterradas as cinzas. O luto termina. As mulheres de um defunto polígamo, cada uma cumpre com os rituais de viuvez em sua casa. Se alguma

quizer quebrar o ritual sem prejudicar as outras mulheres, paga uma multa à família do defunto e cumpre apenas três meses de luto.

Ao simbolizar os laços com o defunto, parentes, filhos, irmão e primos, parentes do primeiro grau, põem entre seis e um ano de luto, vestem-se com roupas escuras e colocam um laço de pano preto (fumo), fixado com agulha no ombro ou em direção ao peito.

A herança, no caso do defunto ser mulher, é destinada aos filhos, e no caso do homem, à família dos pais e aos filhos da irmã mais velha (“vigora o princípio de que os filhos da minha filha, meus netos são, os filhos do meu filho, serão, ou não”). Há um choque obvio entre o direito consuetudinário (costumeiro) e o direito positivo, mas o primeiro prevalece. Os tios do homem falecido formam um conselho que avalia os bens. Os mais valiosos vão para a família de origem em primeiro lugar e só uma pequena parte fica com os filhos e os sobrinhos filhos da irmã. É o tio mais velho que fica com a responsabilidade pelos filhos.

### *Línguas e Festas*

Encontramos uma grande diversidade cultural e linguística na comunidade, formada por pessoas oriundas de diferentes províncias de Angola, como Cunene, Lubango, Malanje, Moxico, Cuando Cubango, Huambo, Bié. As línguas faladas na aldeia são: português (língua comum à grande maioria), Kwanyama, Umbundo, Quimbundo, Kioko e Nganguela. As crianças e jovens, para além do português, também falam a língua materna de origem dos pais. Ao passo que os idosos falam na sua maioria a língua Umbundu, mas quase todos os deficientes entendem Umbundu, porque passaram mais tempo de combate nas províncias onde se fala esta língua, apesar de haver uma semelhança grande entre as línguas do Sul de Angola.

Há uma boa relação de vizinhança e de sociabilidade, mas não existe qualquer manifestação cultural específica desta comunidade.

Celebra-se o dia 17 de setembro, Dia do Herói Nacional, em alusão ao primeiro presidente de Angola independente, António Agostinho Neto. A maior festa é a de 11 de Novembro, data da Independência de Angola e também da fundação do bairro, que guardou dessa data o seu nome. As outras festas são religiosas, em datas tradicionais do cristianismo, e para celebrar o alambamento (casamento tradicional). Nas festas de alambamento, a diferença em relação ao que é habitual nos grandes centros, onde normalmente cada família envolvida cria as condições para a festa, aqui é a comunidade que reúne os meios alimentares, mata uma cabeça de bovino,

suíno ou galinhas, que come acompanhadas de pirão (feijão). É comum em todas as cerimónias da comunidade beber-se kaporoto, feito de fuba de milho misturada com raízes selvagens de ukunham e bundi. O tempo de fermentação varia com a ocasião e o destino. Se for para vender, requer-se uma percentagem de álcool mais elevada, e fica a fermentar entre quatro a seis dias. Para festas e óbitos, a fermentação dura de dois a três dias.

Também se bebe Kissangua feito de milho ou massango e raiz de bundi para adoçar a bebida. São precisas vinte e quatro horas para produzir a bebida, como se fosse um sumo ao qual é adicionado açúcar ou mel. Se esta mesma produção durar setenta e duas horas torna-se Tchimbombo (embebeda, apesar da pequena percentagem de álcool), que é a Kissangua fermentada, bebida equiparada a cerveja pelo seu grão percentual de álcool. E ainda Hidromel (ndoka), feito de mel colocado numa cabaça ou balde e misturado com água, o que o torna num sumo. Esta bebida pode tornar-se alcoólica mediante a mistura de farelo de milho ou massango, variando a percentagem alcoólica que se pretende com a quantidade de farelo. O teor alcoólico varia se for para comércio ou para consumo próprio.

Na comunidade, por existirem diferentes grupos étnicos, não existem muitas festas, para que umas não prevaleçam sobre as outras. As poucas que têm acontecido são as festas de noivado, alambamento e circuncisão. Convidam-se os jovens cantores locais e da aldeia vizinha para cantarem as suas músicas. Usa-se um microfone com fio ligado a uma coluna de som, toca-se batuque e vão-se dançando as danças tradicionais com base nos ritmos. Não se paga nada aos cantadores. As meninas usam roupas diferentes do dia a dia, fazem pinturas, usam colares. Os homens aparecem de casacos que não são comuns nas suas rotinas. Come-se quase tudo o que a aldeia produz. Nestas festas são convidados famílias, amigos e vizinhos, que podem dançar juntos, qualquer pessoa, ainda que não sejam marido e mulher ou namorados. Há sempre desafio de quem dança melhor, principalmente as danças tradicionais que movimentam o corpo mais da cintura para baixo. Todos são ensinados a dançar no processo de educação sexual, embora com o tempo alguns acabem esquecendo.

### *Lendas, crenças e feitiços*

O Bairro tem uma curandeira ou quimbanda. A curandeira usa o seu instrumento, designado Ngombo (mesa com santos), onde se orienta para descobrir se a doença é natural ou efeito de feitiçaria. Em caso de feitiçaria, a curandeira não consegue retirar o feitiço, pois ela só trata o que é natural. Feitiço só se combate com feitiço. O feiticeiro, que também existe, convida a

família do enfeitado para realizar rituais nas matas. Utiliza ervas, raízes e sangue de animais, normalmente de galinha. Em alguns casos começa por acender o fogo, matar a galinha e colocar o sangue na fogueira, com vista à queima de demónios, enquanto todos assistem em volta da fogueira. Para meter feitiço utiliza-se outro tipo de folhas, raízes e ervas. Depois da retirada do feitiço, ao sair da mata, faz-se uma festa com base nas possibilidades da família, para a qual são convidados todos os familiares e amigos próximos, como agradecimento à vida.

A curandeira também trata mulheres com dificuldades de engravidar, através de raízes e ervas, e homens com problemas de ereção, tratados com raízes com propriedades de progesterona tradicional para reativar as hormonas. A comunidade de Kassela tem bruxo ou feiticeiro, que não pode ser revelado a todos (os que o sabem colocam-no sob vigilância apertada), embora tudo o que se trata da comunidade ele tem de estar ao passo. Segundo um anónimo da comunidade, *“o bruxo revestiu-se de jacaré e comeu a filha do coordenador do bairro, por isso não nos podemos distanciar dele, para não fazer mal às nossas famílias, temos que o manter próximo. Como Dr. SV dizia, próximo de ti os teus inimigos”*. De realçar que nas comunidades tradicionais nunca se indica ou se revela o feiticeiro, mas há sempre um conselho que conhece e trata a situação com este quando existem situações que o envolvem.

### ***Cozinha e animais***

Os alimentos são confeccionados em três pedras (atela) diferentes das utilizadas nas cerimónias fúnebres quanto ao tamanho, devido ao tipo de panelas que se utilizam para confeccionar os alimentos no dia a dia. As pedras são onde assenta a panela com fogo de lenha por baixo. A alimentação básica desta comunidade é o pirão (Fungi) de milho e de massango, macunde (feijão frade) e folha de feijão, use ou ozeda (são folhas semi- azedas que servem para acompanhar com funji), rama de batata (folha da batata-doce), tortulho (cogumelo), gimboa, kissaca (folha de mandioca pisada ao pilão) e couves diversas. Também é comum a canjica (milho seco cozido, refogado no óleo de palma, alho, cebola, misturado com feijão também já cozido em separado), batata-doce, massaroca (milho), abóbora, matila (uma fruta com características do pepino que se come com salada, só com sal e com peixe).

A introdução de carne, peixe, galinha, etc. na dieta alimentar só acontece durante a realização de atos festivos, com abate de cabeças de gado ou outro tipo de animais. Alguns camponeses deste bairro, também são criadores de alguns animais como vacas, porcos, patos, galinhas, cabras, etc., independentemente das posses da cada um.

Na aldeia encontram-se os animais domésticos, como cão, galinha, boi, porco, cabra, burro. Também existem animais selvagens como cobra, leão, onça, lobo, hiena, cabra do mato, cágado, tartaruga, crocodilo, jacaré, perdiz, galinha do mato, rato do mato, macaco, capote e javali. Ainda se encontram algumas aves ápteras, como águias e gaivotas. Estes animais, devido à invasão do habitat natural pelo homem e à extensão ocupacional da aldeia, estão a migrar para outros locais isolados, mas aparecem de tempo a tempo, principalmente em tempo de queima, devido às altas temperaturas do fogo posto pelos camponeses moradores daquela aldeia. Os que mais aparecem são aves ápteras, águias, rato da mata, perdiz, etc.

## Conclusão

Quem vive na Europa terá, muito provavelmente, dificuldade em compreender o modo como vivem (sobrevivem) os moradores do bairro 11 de Novembro na aldeia de Kassela. Como os seus vizinhos, vivem em condições extremamente precárias. Cozinham a lenha, não possuem água canalizada nem esgotos, trabalham a terra diretamente com as suas próprias mãos, socorrendo-se apenas de ferramentas rudimentares. Não vão ao supermercado, que não existe, e trocam bens numa economia apenas muito limitadamente monetarizada. Não vêem televisão nem têm telefones celulares (nem fixos) e deslocam-se a pé, ou em veículos de tração animal, ou esperam horas por um transporte que os leve para a cidade muito distante. Acreditam nos poderes do feiticeiro e que são todos filhos de um mesmo Deus que reina sobre o mundo. Casam-se e despedem-se dos seus entes queridos que falecem segundo modos ritualizados com raízes profundas na tradição, mas foram capazes de estruturar uma organização comunitária baseada na eleição do coordenador. Possuem uma visão muito desvalorizada da mulher, sobre explorada e oprimida, e não dispensam o trabalho das crianças. Não têm serviços públicos de saúde, educação, proteção com o mínimo de qualidade e sofrem de subnutrição.

Mas há uma coisa que os distingue de todos os seus vizinhos, para os quais parece que o tempo parou há milhares de anos, amarrando-os a uma pobreza extrema a que se resignam conformados e passivos. Na comunidade de Kassela luta-se contra o destino e constroem-se projetos de mudança. Este trabalho de pesquisa terá de prosseguir, no sentido de tentar perceber quais as fontes desta dinâmica e como pode ela ser apoiada. Será que o inconformismo resulta do acaso da vida que juntou estas pessoas num quadro que as obrigou a procurar soluções para sobreviver? Terá sido a experiência militar que alargou horizontes e ambições e ajudou a conceber formas de organização comunitária inovadoras? E como é que a coexistência de tantas culturas étnicas resulta em laços de solidariedade tão fortes como os que aqui se manifestam?

As populações deste bairro gostam de viver na região, embora esperem por mudanças para a sua sobrevivência e melhoria das condições de vida como, por exemplo, constituir formalmente a cooperativa e aumentar os terrenos de cultivo (nacas), para o que precisam de bois. Um milhão de kwanzas (equivalentes a 2.100 Euros) chegavam para comprar 10 ou 12 bois, mas eles também precisam de um motor para ir buscar água a uma lagoa e de um depósito no meio do campo para a regra. Devido ao tipo de árvores que existem no terreno e às suas raízes, para arrotear as terras preferem os bois com carroço aos tratores, porque conseguem derrubar as árvores, manobrar entre elas e evitar obstáculos com mais flexibilidade. Já a charrua ligada ao

trator tem custos de manutenção muito dispendiosos e não dá para fazer este tipo de cultivo nas nacas. Na verdade, eles querem criar fazendas individuais, com materiais agrícolas disponíveis para o cultivo em extensão, e encontrar meios para escoar os produtos no mercado de Menongue, para o que precisam de ganhar um microcrédito para iniciar agricultura comercial; construir uma farmácia para atender à comunidade. Não existe farmácia nos arredores e tem de se percorrer 80 km para comprar medicamentos quando necessário; executar o projeto agropecuário (charrua com tração animal, sementes e fertilizantes); construir uma ponte para ligação a outros bairros e aldeias circunvizinhas, pelo facto da anterior encontrar-se partida, o que dificulta a passagem de carros e pessoas, principalmente em época chuvosa, devido ao aumento do caudal e às cheias do rio; construir a escola e o posto de saúde, para as crianças darem continuidade aos estudos até pelo menos à 12ª classe e para melhorar a qualidade do atendimento médico e de enfermagem; colocar placas solares para se poder ver e ouvir notícias do mundo e estar ligado ao mundo; adquirir uma máquina de costura para trabalhar na comunidade; aumentar a avicultura e a criação de gado e construir um matadouro para comercialização de produtos para as comunidades vizinhas.

As expectativas não são muito elevadas. Passam apenas pela concretização de projetos como os seguintes:

- O Governo Provincial e os seus parceiros já trabalham num projeto para acudir a esta situação, segundo o **Decreto Executivo n.º 97/21, de 15 de Abril**, que aprova o Regulamento de Funcionamento da Bolsa de Solidariedade Social. Enquanto se espera, criam-se estratégias para ir sobrevivendo a todos os riscos, como a fome, a chuva e ventos fortes, doenças, etc.;
- A comunidade aguarda ser inserida no programa Kuenda (programa do Governo angolano que visa apoiar as famílias em situação de pobreza e vulnerabilidade no País). Avaliado em 420 milhões de USD, é financiado em 320 milhões de USD pelo Banco Mundial, sendo os restantes 100 milhões USD provenientes do tesouro Nacional (recorde-se que 41% da população angolana está em situação de pobreza, sendo o fenómeno mais extenso nas zonas rurais);
- Regularização das pensões da Caixa de Segurança Social das FAA e dos Antigos Combatentes e Veteranos da Pátria;
- Construção de infraestruturas básicas, tais como Poço de água potável;
- Aumento de criação de cooperativas agrícolas.

Não é pedir muito, mas representa uma vontade de alargar os recursos que tornem viáveis os esforços da população. E pode fornecer à pesquisa social um campo único de observação das dinâmicas de mudança em condições de extrema precariedade, das quais talvez só se esperasse o apelo à assistência. A comunidade 11 de novembro em Kassela, Cuando Cubango, Angola, tem muito mais para dar.



## BIBLIOGRAFIA

- Almeida, J. (2006). *Bíblia Sagrada, revista e atualizada*, São Paulo Editora SBB (2 Edição).
- Almeida, J.; Capucha, L, Da Costa, A.; Nicolau I.; Reis E. (1992). *Exclusão Social: Fatores e tipos de Pobreza em Portugal*. Oeiras: Celta Editora
- Brancaleone C. Revista de Ciências Sociais, (2008), Comunidade Sociedade e Sociabilidade.: Revista Ferdinand Tonnies, V39, n2, Rj
- Capucha, L. (2005). *Desafios da Pobreza*. Oeiras: Celta Editora.
- Cuononoca, A. (2011). “Njinga Mbande, fonte inspiradora da mulher angolana” in *Mata, Inocência colóquio Internacional A Rainha Njinga Mbande: História, Memória e Mito*. Lisboa, Edição Colibri
- Cutileiro, J. (1977). *Ricos e Pobres no Alentejo: uma sociedade rural portuguesa*. Lisboa, Editora Sá Da Costa
- Carvalho, Paulo de. (2012). *Exclusão Social em Angola: O caso dos deficientes físico de Landa*. Luanda, editora Kilombelombe, 2ª Edição.
- Da Costa, A. (1986),” A pesquisa de terreno em sociologia”, in Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (Orgs), *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Diário da República de Angola (2021) Decreto-Lei n.º 97/21, de 15 de Abril Ministério da Acção Social, Família e Promoção da Mulher, Luanda.
- Geertz, C. (1973, 2000). *The Interpretation of Culture: Selected Essays*. New York. Basic Books.
- Instituto Nacional de Estatística (2017), *Inquérito de Indicadores Múltiplos e Saúde (IIMS) 2015-2016*. Luanda, Angola e Rockville, Maryland, EUA: INE, MINSA, MINPLAN e ICF.
- SEMEDO, M. Ecos da terra. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura (Org.) *A Mulher em África: vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Colibri, 2007.p. 103-133.
- 
- Malinowski, B. (2009). *Uma Teoria Científica de Cultura*, Lisboa, Edições 70.
- Malinowski, B. (2018). *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Editora EBU.
- Mauss, Marcel (1998), *Sociologie et Antropologie*. Paris: Quadrige/PUF. 3ª Edição.
- O.M.S. (2004). *Classificação internacional de funcionalidade, incapacidade e saúde (CIF)*, Lisboa, Direcção-Geral da Saúde.

- O.M.S. (1989). *Classificação internacional das deficiências, incapacidade e desvantagens*. Lisboa: SNR, Secretariado Nacional de Reabilitação.
- Quivy, R. e Campenhoudt, L. (1992). *Manual de Investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Redol, A. (2004). *Gloria- Uma Aldeia do Ribatejo*. Lisboa: Editorial Caminho, AS.